



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRESA KAROLINA DA SILVA PORTO

**UM ESTUDO SOBRE A IMAGINAÇÃO NA SALA DE
AULA: O CONTEXTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

BRASÍLIA

2013

ANDRESA KAROLINA DA SILVA PORTO

**UM ESTUDO SOBRE A IMAGINAÇÃO NA SALA DE
AULA: O CONTEXTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do diploma em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília sob a orientação da professora Dra. Albertina Mitjanz Martínéz.

BRASÍLIA

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Comissão examinadora

Albertina Mitjánz Martínez
Orientadora

Professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Examinadora

Silmara Carina Dornelas Munhoz
Examinadora

Sinara Pollom Zardo
Examinadora (Suplente)

Brasília, Julho de 2013

PORTO, Andresa Karolina Silva de.

Um Estudo Sobre a Imaginação na Sala de Aula: o contexto da contação de histórias / Andresa Karolina da Silva Porto. – Brasília, 2013. p. 84.

Monografia – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013.
Orientadora: Albertina Mitjánz Martínéz

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Deus que me deu a inspiração e a força que sem os quais não poderia concretizar a pesquisa. Meu orientador principal.

Meus fortes apreços destinados à orientadora da monografia a professora Doutora Albertina Mitjánh que ofereceu todo o seu apoio e empenho desde os primeiros passos da pesquisa. Obrigada por toda a ajuda e paciência, todos foram indispensáveis para a realização do trabalho.

Agradeço em destaque a Universidade de Brasília e a Faculdade de Educação que viabilizaram todo meu percurso de formação profissional contribuindo pelos mais diversos meios. A Universidade de Brasília sem dúvidas marcou minha história.

Meus agradecimentos com carinhos a todos os docentes que tive ao decorrer do curso e que contribuíram para meu crescimento não só profissional, mas também como pessoa. Foram vários os professores que marcaram e todos são sobremodo importantes. Agradeço especialmente as docentes Albertina Mitjánh, Sandra Ferraz, Teresa Cristina, Maria Helena, Ângela Virgolim, Sílvia Ester e Ângela Anastácio que ministraram disciplinas e projetos especiais para mim.

Meus sinceros agradecimentos aos colegas que fiz ao decorrer do curso e que marcaram minha graduação e ajudaram a torná-la mais divertida. Agradeço em especial a Aline, Lucas, Stephanie, Camila e Shirley.

“Imaginar é o princípio da criação. Nós imaginamos o que desejamos, queremos o que imaginamos e, finalmente, criamos aquilo que queremos”.

(George Bernard Shaw)

RESUMO

A presente monografia buscou realizar um estudo sobre a imaginação das crianças na sala de aula e, para tal usa o contexto de contação de histórias. O público alvo da pesquisa foi um grupo de crianças na idade entre 6 a 7 anos de idade, estudantes de uma escola pública do Distrito Federal. O objetivo do trabalho é analisar aspectos sobre as imaginações das crianças que se expressam no cotidiano escolar e, sobretudo sob o contexto de contação de histórias infantis. Buscou-se analisar se a imaginação é devidamente valorizada em sala de aula no momento de contação história e como a imaginação é expressa nesse tipo de atividade, verificando se as crianças gostam de imaginar e si sentem a vontade para expressar suas imaginações na escola. A monografia buscou identificar também atitudes pedagógicas capazes de valorizar as expressões imaginativas dos alunos. Para tanto, a pesquisa efetuada se dividiu em três momentos. A primeira e a segunda parte foram destinadas a contação de histórias na qual foi observado como as crianças expressavam suas imaginações durante a contação de histórias e a postura do professor diante delas. A terceira parte foi dedicada à promoção de uma roda de conversas com as crianças objetivando conhecer suas imaginações e aspectos relacionados a ela. Os resultados mostram que a imaginação é uma atividade extremamente prazerosa para as crianças, contudo elas não concebem a escola como um local apto para a imaginação, pois se sentem reprimidas e atarefadas demais. Quanto à imaginação expressada durante a contação de histórias foi verificado que as crianças exprimem expressões imaginativas, contudo muitas das vezes o docente não as valoriza e as ignora. Deste modo, é importante que o educador crie espaços privilegiados com o propósito de mover a imaginação dos alunos.

Palavras chaves: imaginação – perspectiva histórico-cultural – criança

ABSTRACT

This monograph aimed to study children's imagination in the classroom, and for that prioritizes the context of storytelling. The target of the research was a group of children aged between 6-7 years of age, students of a public school in the Federal District. The aim is to analyze aspects of the imaginations of children who express themselves in school life, and especially under the context of children's storytelling. We sought to examine whether the imagination is properly valued in the classroom at the time of history and storytelling as the imagination is expressed in this type of activity, ensuring that children love to imagine and you feel the urge to express their imaginations in school. The monograph also sought to identify pedagogical attitudes able to appreciate the imaginative expressions of the students. The research was divided into three parts. The first and second parts were designed to storytelling in which it was observed how children express their imaginations during the storytelling and the attitude of the teacher when he saw the expressions imaginative children. The third part was dedicated to the promotion of a wheel conversation with children aiming to note their imaginations and aspects related to it. The results show that the imagination is an extremely enjoyable for the children, but they didn't see the school as a place fit for the imagination, because they feel repressed and too busy. Referring to imagination expressed during storytelling, observed that children exposed imaginative expressions, however often the teacher doesn't value them and ignores. Thus, it is important that the educator create a privileged space for the purpose of moving students' imaginations.

Keywords: imagination - cultural and historical perspective - child

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
PARTE I - MEMORIAL	11
PARTE II - MONOGRAFIA	18
1. INTRODUÇÃO	19
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 IMAGINAÇÃO.....	23
2.1.1 Imaginação e criatividade.....	27
2.1.2 Imaginação e o simbólico.....	30
2.1.3 A imaginação o brincar e os jogos.....	32
2.1.4 Imaginação e teatro.....	34
2.2 LITERATURA INFANTIL.....	36
2.2.1 Contação de histórias.....	38
3. ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA/PESQUISAS	42
4. METODOLOGIA	49
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	51
5.1 ETAPA I.....	51
5.1.1 Contação de histórias.....	51
5.1.1.1 Encontro I.....	51
5.1.1.2 Encontro II.....	56
5.1.1.3 Encontro III.....	60
5.2 ETAPA II.....	64
5.2.1 Observação das imaginações criativas das crianças.....	64
5.3 ETAPA III.....	67
5.3.1 Roda de conversas.....	67
6. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
PARTE III – PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	78
REFERÊNCIAS	81

APRESENTAÇÃO

A presente monografia se constitui por ser o trabalho de conclusão do curso de graduação em Pedagogia na Universidade de Brasília. Tal monografia se intitula “Um Estudo sobre a Imaginação na Sala de Aula: o contexto de contação de histórias” e tem por objetivo analisar aspectos sobre as imaginações das crianças que se expressam no cotidiano escolar e, sobretudo sob o contexto de contação de histórias infantis. A monografia está dividida em três partes. A primeira parte exhibe o Memorial, a segunda constitui a monografia propriamente dita e a terceira parte compõe as perspectivas para o futuro.

A monografia está dividida em VI Capítulos. O Capítulo I é destinado a introdução com relato das ideias iniciais que serão expostas durante a monografia. O Capítulo II é anunciado a Fundamentação Teórica contendo as ideias que nortearam o trabalho como linhas de pesquisas, conceitos, discussões sobre o tema estudado, etc. O Capítulo III é dedicado à análise da produção científica e pesquisas já realizadas e que possuem uma relação estreita com o tema. O Capítulo IV apresenta a metodologia do trabalho de campo realizado, apresentando nesta parte da monografia, a forma com que essa pesquisa foi construída. O Capítulo V expõe a pesquisa de campo propriamente dita e suas respectivas análises. O Capítulo VI exhibe, finalmente, as conclusões e, considerações finais da monografia.

PARTE I
MEMORIAL

MEMORIAL

Minha trajetória escolar se iniciou quando eu tinha 5 anos de idade em um Jardim de Infância público situado no Cruzeiro Velho - Brasília. Naquele ambiente foi onde tive o primeiro grande contato com outras crianças. Lembro-me que havia lá um grande parquinho que me agradava muito. No ano seguinte, dei continuidade aos estudos na escola Jardim de Infância Barquinho Amarelo. Nessa escola, estudei as séries Jardim II e Jardim III.

Com a mudança repentina e, no meio do ano, sofri com a perda de amigos conhecidos, estranhei o espaço físico da escola que era bem menor que a instituição anterior, também estranhei a mudança de professor e, em fim tive que me adaptar as novidades. Contudo, não tinha dificuldades em aprender os conteúdos, porém demorei em fazer amigos. No Jardim III tive minha mãe como minha professora. Essa série foi marcante por causa disso e também porque foi o momento da minha alfabetização. Não tive dificuldades em aprender a ler e escrever, pois fui continuamente estimulada a praticar a leitura com livros de histórias infantis. Sempre me interessava muito em saber como as pessoas conseguiam entender as letras que eu via nos livros, nos outdoors, na televisão, etc. Eu era muito desejosa em dominar a prática da leitura e escrita e, até mesmo gostava de resolver os probleminhas de matemática simples que aprendia na época.

Terminando o ano letivo, aconteceu a formatura do Jardim de Infância. Eu fui um dos três alunos que realizou o juramento com as turmas formandas. Fato que pessoalmente rendeu-me muita autoconfiança e prestígio diante de meus familiares.

Mudei de escola para iniciar o Ensino Fundamental e passei a estudar no Centro de Ensino Número 8 da Octogonal situado em Brasília. Iniciei na época chamada 1º série, contudo por vir de uma escola muito boa na qual aprendia conteúdos mais acelerados para a série, adiantei meus estudos e fui direto para a 2º série. Toda essa mudança me acarretou um novo impacto psicológico, pois passei a conviver com crianças maiores fisicamente, mais amadurecidas psicologicamente e, como na época eu era muito introvertida, tive dificuldades em fazer amigos a não ser pequenos grupos.

No fim do ano letivo minha família se mudou para uma nova cidade o que impossibilitou minha permanência na mesma escola. Assim sendo, fui estudar a 3º série e a 4º série na Escola Classe 1 do Riacho Fundo 1, popularmente conhecida como

“Escola Verde” por causa da cor de predominância de portas, portões, janelas e quadros. Apesar de tantas mudanças, pela primeira vez eu fiquei dois anos letivos inteiros e consecutivos em uma mesma instituição de ensino o que me levou a ter amizades mais profundas que as anteriores. A partir da 4^o série dificuldades no aprendizado de alguns conteúdos se tornaram presentes. Eu reclamava muito da disciplina Matemática, porque achava difícil e tinha dificuldades para entender as fórmulas. Sobre os fatos que me marcaram nesse período de estudo não consigo me lembrar de nada a não ser dos problemas com Matemática e, as amizades que mantive durante o período.

Na 5^o série eu novamente mudei de escola e, desta vez fui estudar na Escola Classe 2 do Riacho Fundo 1. Nessa instituição, novamente fiz novas amizades. Na 5^o série eu comecei a me interessar bastante pela disciplina Português, sempre tirava boas notas nessa matéria. Enquanto estudava nessa instituição me aconteceu um acidente dentro da escola e, com a situação, tive de me submeter a duas cirurgias e vários meses de ida ao hospital para tratamento do problema. O fato ocorrido me deixou três meses longe da sala de aula e meus pais acharam melhor me mudar de instituição.

Sendo assim, fui estudar a 6^o série no Centro de Ensino Granja das Oliveiras, local onde hoje é o Centro de Atendimento Juvenil Especializado - Cajé que fica localizado no Recanto das Emas em Brasília – Distrito Federal. Nessa instituição tive contato com várias disciplinas diferenciadas como Filosofia, Ensino Religioso e Práticas de Saúde e Higiene. O que mais me marcou foi o fato da escola ter sido rodeada por fazendas e áreas de preservação ambiental e, por consequência animais como cobras, aranhas e vários pássaros visitavam nossa escola que era na verdade uma extensão de seus lares.

Terminado o ano letivo passei a estudar no Centro de Ensino Fundamental 1 do Riacho Fundo 2, porque essa escola era perto da minha residência na época e tinha acabado de ter sido inaugurada. Nessa instituição eu estudei a 7^o e 8^o série do Ensino Fundamental.

Após ter concluído meu o Ensino Fundamental iniciei meu Ensino Médio com 15 anos de idade no Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte – CEMTN. Meus pais escolheram tal instituição, pois na época diziam que era a melhor entre as escolas públicas existentes em Taguatinga.

O Ensino Médio foi o mais estressante de todas as modalidades que eu havia estudado até aquele momento. Contudo, o ritmo de estudo no qual eu era acostumado estava muito aquém do que a escola me exigia, por conseguinte tive muitas dificuldades

em todas as matérias exceto Educação Física em que era o momento da diversão. Um ponto chave a ser comentado é sobre os professores de tal instituição. Enquanto haviam ótimos professores que se importavam em ensinar, motivar os alunos a aprenderem e progredirem contribuindo para com aprendizagem desses, havia também péssimos professores que insistiam em fingir darem aulas ou então assumiam com todas as letras que não iriam dar aula no dia, pois não aquentavam mais os alunos desinteressados. Algumas disciplinas como a Física e a Química despertaram meu interesse e afinidade somente após ter concluído o Ensino Médio fazendo cursinhos pré-vestibulares, no qual foi o único momento em que eu realmente tive aulas das respectivas disciplinas, já que no período do Ensino Médio que é momento primordial do aprendizado de tais disciplinas, simplesmente, não houve ensino.

Na escola onde estudei o Ensino Médio, pouquíssimas eram as informações a respeito de vestibulares e programas que existiam para o ingresso em universidades. Quando começamos a receber informações os avisos vieram já muito tarde, só no 3º ano quando na verdade já tínhamos de estar prontos para disputar uma vaga na Universidade. Em resumo, a desinformação era muita. Não sabíamos para que servia o Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília, e as informações sobre o ENEM eram miseráveis, mas mesmo assim éramos obrigados a fazer ambas as provas as quais não sabíamos para que serviam de fato. Informações sobre a Universidade de Brasília – UnB vieram à tona quando uma professora nossa de Língua Portuguesa do 3º ano exibia com orgulho sua monografia defendida na UnB e exaltava tal universidade. Essa mesma professora foi a única que nos incentivou a lutar por uma Universidade Pública de qualidade dando todo o apoio que cabia a ela dar.

De acordo com as orientações de tal professora de Língua Portuguesa, no meio do ano letivo quando que eu cursava o 3º ano do Ensino Médio decidi fazer um cursinho pré-vestibular a fim de ter preparo para enfrentar o vestibular da UnB. Foi neste cursinho o chamado ALUB, que obtive as principais informações sobre a Universidade de Brasília, sobre a prova de vestibular e, sobre o PAS que para mim infelizmente, já era tarde.

Durante o Ensino Médio eu não sabia o que iria cursar em uma Universidade. Eu só vim pensar nisto de fato quando já cursava o 3º ano. Neste período decidi por cursos prediletos como Letras, Pedagogia e Medicina. No final do 3º ano, empresários da Universidade Paulista – UNIP foram a até o CEMTN e convidaram os alunos a participarem do vestibular daquela universidade. Fiz minha inscrição e marquei

como opção de curso o Direito. Escolhi tal curso, pois as informações a respeito eram de bom retorno financeiro e porque queria agradar meu pai e familiares. Mas não era uma escolha legítima. Fiz o vestibular e passei sem grandes esforços. Não cheguei a cursar o curso, pois decidi prestar o vestibular na Universidade de Brasília.

Ao terminar o Ensino Médio continuei a fazer cursos pré-vestibulares. Prestei quatro vestibulares para a Universidade de Brasília até que no quinto consegui ser aprovada. Os primeiros vestibulares buscava o ingresso em cursos que não eram o qual me formei, prestei três vestibulares para Medicina e um para Direito.

Entre na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília no segundo semestre do ano de 2009. Quando ingressei no curso foi uma grande realização, pois estava a partir de então estudando em uma Universidade Pública e bastante renomada aqui em Brasília. Entrei no curso de Pedagogia cheia de expectativas sobre o que iria de fato estudar e sobre as experiências que iria vivenciar através da universidade.

Meu primeiro semestre foi o semestre das emoções. Fiz grandes amizades às quais mantenho ainda hoje. Já nesse semestre conheci professores excelentes e reconheci que a Faculdade de Educação possuía renomados docentes graduandos, mestres e doutores que em sua maioria, são extremamente comprometidos com a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno dentro da universidade e fora dela.

Como tudo era muito novo, minha preocupação era saber como seria meu desempenho nas provas e demais atividades, pois antes de me tornar aluna, a fama que eu ouvia sobre a UnB era de que conseguir se formar nela é muito difícil, quase impossível. No primeiro semestre a disciplina que mais me marcou foi Projeto 1 com uma professora bastante rígida. Eu tive que estudar muito para conseguir ter bons resultados e, com grandes esforços consegui obter uma excelente aprovação.

No segundo semestre comecei a me inteirar mais sobre os eventos e oportunidades que a Universidade de Brasília oferecia. Descobri oportunidades como o Programa de Iniciação Científica - ProIc, o Pro-Docência, os Intercâmbios, a participação em congressos, oportunidades para realização de estágios, oportunidades para fazer cursos de idiomas pela UnB, a Bolsa Permanência, as Monitorias e outros. As oportunidades que realmente fizeram parte da minha história dentro da universidade foi o Programa de Iniciação Científica - ProIc, a participação em congressos, a monitoria e a realização de cursos de idiomas pela UnB Idiomas o qual estudei Inglês pela primeira vez na vida.

No terceiro semestre a disciplina que mais marcou foi Ensino de Ciência e Tecnologia. Nessa disciplina tive a oportunidade de construir de um livro paradidático direcionado ao Ensino de Ciências no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Nessa disciplina eu criei juntamente com dois amigos um livro com o tema “Porque envelhecemos?”. Tivemos um excelente desempenho e o livro ficou muito bom. Esse trabalho nos rendeu duas participações em congressos. A primeira foi na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no ano de 2010 e a 64ª Reunião Anual da SBPC – 2012 que ocorreu na UFMA – São Luís/MA. Todas as oportunidades foram extremamente gratificantes e engrandeceram a minha formação dentro da Universidade.

Cursando o quarto semestre do meu curso no período 2º/2011 eu iniciei meu curso de Inglês no UnBIIdiomas. Foi uma oportunidade para aprender uma Língua Estrangeira enquanto me graduava na Universidade e, isso para mim foi muito bom já que praticamente nunca havia estudado inglês antes. Mantive-me no curso por dois anos, contudo interrompi por um tempo a fim de me dedicar mais aos estudos próprios da graduação e finalmente concluir o curso de Pedagogia.

No final do quarto semestre, eu e mais dois amigos procuramos a professora doutora Maria Helena Silva Carneiro para nos orientar em um projeto de Programa de Iniciação Científica – ProIc. Criamos um projeto cujo tema principal era “O uso de filmes, documentários e desenhos animados no ensino de Ciências”. O projeto se dividiu em três vertentes e a minha vertente tinha o foco nos “Critérios que os professores utilizam para escolher filmes, documentários e desenhos animados”. Tendo o projeto aprovado, iniciei a jornada de um ano realizando tal pesquisa. Foram grandes os esforços os quais tive que aplicar, foram várias leituras, muitos desafios e dificuldades, mas que por fim renderam em aprendizagens ímpares. No fim da pesquisa, apresentei os resultados no 9º Congresso de Iniciação Científica do DF e o XVIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília que aconteceram na UnB. Foi sem dúvidas uma experiência extremamente nova, empolgante e memorável.

No período de 2º/2012 já cursando o sexto semestre, a oportunidade que mais marcou foi a chance de atuar como monitora na disciplina Filosofia da Educação. A ocasião também cooperou para meu crescimento ao decorrer do curso. Foi um período que marcou, já que até aquele momento eu nunca havia atuado como monitora em nenhuma outra disciplina. Eu percebi o quanto era uma atividade envolvendo o dar e o receber sendo que o que mais permanece são os aprendizados.

Ao decorrer do curso procurei me direcionar a uma área de interesse pessoal e social. Isso foi muito difícil, passei por vários projetos tentando definir uma área de interesse maior. Ao decorrer dos projetos acadêmicos estudei principalmente a Orientação Educacional Profissional e a Psicologia Social. Assim que percebi meu interesse por assuntos relacionados ao campo da Educação aliados à Psicologia, tentei direcionar para tais áreas os projetos obrigatórios que cursei.

No meu penúltimo semestre realizei uma disciplina que realmente me marcou, essa se chamava Criatividade e Inovação na Educação. Cursando a disciplina encontrei um rumo diferente de tudo que eu já havia estudado até ali, porém que ainda estava dentro do foco de pesquisa que me agradava. Nessa disciplina aprendi muito e gostei bastante de estudar as teorias e suas implicações constatadas na prática. Tal disciplina nunca havia sido ofertada antes desde a minha entrada na Universidade e fez muita falta, pois se tivesse sido eu certamente a teria cursado antes e, já teria mais estudos realizados na área. Contudo, o tempo não foi impedimento algum, gostei tanto da área que a disciplina me rendeu um projeto de pesquisa que, após ter passado por algumas várias alterações, deu origem ao meu tema de trabalho final de curso.

Todos os momentos vivenciados por mim na Universidade de Brasília foram impactantes. Atingiram a minha formação como profissional, como pessoa e como cidadã contribuindo para constituição de um sujeito extremamente crítico quanto às demandas existentes na sociedade atual, ativa e participativa diante das mazelas que acometem todos os patamares da sociedade. Sei que saio da Universidade com uma missão de transformar mentalidades a partir da educação. Saio da universidade acreditando que a educação pode sim transformar vidas, impedir desastres e violências formando pessoas mais humanas, críticas e inconformadas com as injustiças que atingem a sociedade.

PARTE II
MONOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

O imaginar e a contação de histórias possuem entre si uma relação estreita. A contação de histórias pode funcionar como um pano de fundo para as mais diversas imaginações, simultaneamente as imaginações em si dão corpo e vida à história que está sendo contada. Dessa maneira, ambas se complementam. Compreende-se, assim que o momento para contação da história é um espaço privilegiado para que a criança exercite suas imaginações com grande riqueza de imagens. Ao ouvir histórias a criança passa a ter contato em sua mente com mundos desconhecidos e, por conseguinte ela é levada a combinar e recombina imagens que já possui a fim de formar novas imagens. Isso pode ser definido como imaginação, ou seja, o movimento de combinar e recombina imagens a partir do já conhecido e também produzir novas imagens.

Estudar a imaginação é importante, pois ela é um processo que faz parte do ser humano e seu cotidiano, sendo ela importante no processo de desenvolvimento e, possuindo também um forte impacto sobre a aprendizagem.

A presente monografia tem como propósito aprofundar no estudo sobre imaginação e sua importância para o desenvolvimento da criança. Todavia, a pesquisa volta-se para o campo educacional em virtude de compreender mais a respeito da imaginação dos educandos. Para isso, usa-se o contexto de contação de histórias como campo de análise, crendo que tal momento é um espaço fértil para a expressão de imaginações.

A linha de teoria utilizada para a compreensão do conceito de imaginação é a perspectiva histórico-cultural. De acordo com essa concepção a imaginação é tida como algo característico de todo ser humano, sendo ele o único ser capaz de pensar, planejar e projetar ideias. Vygotsky estudou o que chamou de processos psíquicos do indivíduo compreendendo que o homem desenvolve sua mente no contato com a sociedade, ou seja, dentro de um meio cultural. As pesquisas de Vygotsky desencadearam inúmeros estudos e descobertas ainda hoje utilizadas no campo da Pedagogia, da Psicologia, da Medicina entre outros. Uma das obras importantes de Vygotsky e, que é bastante considerada neste trabalho é a obra na qual tratou da relação entre imaginação e realidade e seus reflexos no desenvolvimento humano.

A imaginação é um elemento essencial no processo de desenvolvimento da criança não apenas a nível psicológico como também a nível social. Recebe importância

a nível psicológico, pois ajuda no desenvolvimento de outras funções psicológicas superiores acarretando ao indivíduo uma maior facilidade de promover soluções em seus dilemas pessoais. E, recebe importância a nível social, pois concebe ao indivíduo um melhor desempenho social e profissional. O mercado de trabalho exigente quanto à contratação de funcionários ‘pensantes’ é prova das exigências sociais que o indivíduo deve enfrentar. Por conseguinte, trabalhar a imaginação poderia ser entendido como uma preparação para o futuro, pois de acordo com a análise atinge os níveis mencionados.

Outro motivo de destaque quanto ao estudo da imaginação, mencionado na presente pesquisa, deve-se a sua ação sobre a criatividade. Compreende-se que a imaginação é sobretudo importante porque é antecessora da criatividade. Logo, age diretamente sobre a criatividade, pois antes da ideia criativa existir tem de haver inicialmente algum processo imaginativo.

Um quadro marcante na sociedade é que a escola tende a corresponder às exigências neoliberais, exigências do mercado. No Ensino Médio o currículo é mais voltado para o alcance de méritos e títulos e, na Educação Básica, o currículo é mais voltado para disciplinas curriculares que devem ser cumpridas de acordo com o programa. Em todo caso, o currículo fecha-se em corresponder a exigências somáticas que se traduzem em notas de provas e avaliações curriculares. Observa-se claramente em qualquer contato efetivo no dia a dia de uma sala de aula que conteúdos como Português e Matemática tomam grande parte do tempo das aulas e aspectos importantes da educação que fazem parte do desenvolvimento e aprendizagem do educando por vezes não são tão valorizados. A imaginação encaixa-se como um de tais elementos que muitas vezes são desvalorizados por desconhecimento dos benefícios e, conseqüentemente, desinteresse pedagógico.

Na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, elementos imaginativos são muito mais trabalhados, pois geralmente os professores fazem uso de jogos, brincadeiras, contação de histórias e diversas atividades que além de trabalhar aspectos do desenvolvimento físico e social, ajuda a exercitar a imaginação que reflete em maior desenvolvimento.

Em contrapartida, fazer o uso de estratégias didáticas não implica necessariamente em um desenvolvimento positivo do aluno, mas o professor precisa ter um conhecimento da técnica devendo entender os aspectos relacionais e como o uso de tais estratégias ajudam o desenvolvimento do aluno. Observa-se o exemplo da

imaginação que é algo completamente subjetivo, talvez seu resultado não aparente ser tão confiável para muitos, pois ela não segue padrões e não se encaixa em regras didáticas tradicionais, padronizadas e fechadas. Neste caso, não são todos os que estão aptos para compreender e aceitar as manifestações imaginativas. Só para ilustrar, tem-se o seguinte caso: o professor está explicando um conteúdo sobre História do Brasil e, inesperadamente um estudante interrompe a aula sem ‘permissão’ e fala de um assunto que aparentemente não tem nenhuma relação com a explicação e, na hora o professor interpreta que aquilo é para atrapalhar a aula ou para chamar a atenção e, logo interrompe o aluno e o manda ficar calado sem fazer bagunça. Ou seja, o aluno não está preocupado se o professor está ou não falando um assunto X, mas ele pensou em algo e deu atenção ao que pensou e, em um ímpeto de emoção e necessidade, teve que expressar aquilo para alguém, teve que exteriorizar aquilo de alguma forma, mas o docente não enxerga a perspectiva didática daquela situação, pois não cabe ‘atrapalhar a programação da aula’ e assim, sem explorar a manifestação, “apaga o fogo do aluno”, silenciando as produções e imaginações do educando. Tais atitudes do professor diante das expressões imaginativas de alunos também são elencadas na pesquisa.

Observa-se, diferenças entre currículos, formas de atuação e objetivos educacionais o que torna o ensino por vezes, apesar de teoricamente completo, praticamente ineficaz quanto ao desenvolvimento e aprendizagem que compreenda a criança como um ser que possui em si um fazer espontâneo, contínuo e prazeroso – o imaginar.

Esta pesquisa pode contribuir não só para o estudo da imaginação, mas também para o estudo da imaginação especificamente, no meio escolar. A ênfase inicial no aluno é outro aspecto importante, pois se observa que nem sempre o professor é capaz de reconhecer a importância da imaginação e delinear estratégias didáticas, ou seja, o aluno perde com isso. Em suma, o estudo da imaginação é relevante, pois estudos empíricos são ainda minoritários e merecem, de fato uma atenção especial que contribua para o avanço de sua compreensão e influência no desenvolvimento e da aprendizagem dos educandos em formação. É válido o estudo no âmbito escolar, na medida em que quanto maiores aprofundamentos se tiverem na área, maiores serão as possibilidades de contribuir para o desenvolvimento do educando e para o trabalho docente.

A monografia está organizada em seis capítulos. O capítulo I trata do tema imaginação e determinados aspectos como seu processo de construção e, sua

implicância no cotidiano escolar. Esse mesmo capítulo aborda subtemas importantes para a compreensão da atividade imaginativa. O capítulo II discorre sobre a Literatura Infantil e a atividade de contação de histórias. O capítulo III é composto pela análise das produções científicas e pesquisas já ocorridas e que possuem relação com o tema da presente monografia. O capítulo IV expõe a metodologia da pesquisa realizada de modo a explicar os feitos suficientes e necessários para a efetivação do trabalho. O capítulo V compreende o registro e a análise das pesquisas de campo feitas com o fim de responder os objetivos do trabalho. O capítulo VI apresenta as conclusões e as considerações finais da pesquisa concretizada.

A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo. Foram ainda realizadas observações de momentos de contação de histórias e roda de conversas com as crianças.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 IMAGINAÇÃO

O ser humano enfrentou diversos dilemas ao longo dos séculos, situações difíceis a níveis físico, biológico, social e outras. O homem descobriu que o meio em que se encontrava necessitava ser administrado para que ele pudesse tirar os benefícios necessários à sua sobrevivência. Surge então o trabalho como uma necessidade de sobrevivência do homem. Ele entende a necessidade de se transformar para poder dominar o meio físico, assim o meio externo começou a agir sob a mentalidade humana que foi evoluindo cada vez mais. Aos poucos o homem foi organizando e desenvolvendo a habilidade de projeção, de planejamento para o futuro que é algo tipicamente humano. Tal habilidade permitiu que o ser humano criasse elementos que o ajudassem dominar, elementos os quais iam além dos que ele já conhecia na natureza e evoluindo suas criações para o fogo, as casas, os meios de transporte.

Em suma a perspectiva histórico-cultural considera o homem como produto do meio cultural que o circunda sendo ele um ser histórico. Como foi dito, o homem evolui sua mente, suas relações agindo sobre o meio através do trabalho, sendo que o próprio meio é que o orienta a mudar. Ocorre que em todos estes movimentos dialéticos a cultura vai sendo formada e compartilhada pelos grupos. Nesse interim, os símbolos especialmente a linguagem têm um forte papel na constituição humana são eles sistematizadores dos pensamentos. Por outro lado, a linguagem também é a responsável pela transmissão das ideias, valores, costumes da sociedade, ela é a responsável pela comunicação que possui peso relevante na cultura, pois através dela a cultura é disseminada.

Dentre os autores que buscaram compreender a relação do homem com o mundo a partir da visão histórica e cultural está principalmente, Karl Marx. Tal autor trouxe a contribuição do conceito de atividade embasado no materialismo-dialético. O autor conceituou a atividade humana como sendo planejada e articulada para um fim capaz de criar instrumentos (criações materiais) e signos (linguagem). Neste sentido, o homem diferentemente dos animais é o único capaz de produzir ações intencionais

visionárias, projetivas, ele é o único ser que reuni tais condições psicológicas para tal. Foi nesse contexto de ideias que o autor veio por definir o conceito de atividade como fator relevante que envolve a relação do homem com o trabalho.

Outro autor que desencadeou seus estudos sob a luz da perspectiva histórico-cultural foi Vygotsky. Tal autor se apoiou em algumas das ideias de Karl Marx para embasar o início de seus estudos sobre os elementos subjetivos da mente. Vygotsky em várias de suas obras procurou salientar a influência da cultura destacando a infância como período da vida no qual se desenvolve as primeiras relações com o mundo externo. Vygotsky na obra (“Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores” (2009)) analisou a relação entre imaginação e realidade, objetivando definir a importância da imaginação e destacando os processos psicológicos que a funda.

Entende-se por imaginação a habilidade humana de ampliar os pensamentos, as situações, as imagens, os comportamentos a partir daquilo já vivido. A imaginação não pode ser encarada como um devaneio, algo sem importância ou perda de tempo, pelo contrário, pois apesar de ser subjetiva é uma manifestação do real e, quando materializada passa a fazer parte do mundo real. A imaginação é fruto da atividade criadora do nosso cérebro ao combinar as diversas imagens e delas produzir algo novo. As diversas experiências do cotidiano da cada pessoa, a vivência na escola, o convívio com amigos, o contato com as mídias etc, se compõem formando elementos que ficam marcados na mente e que vão se reunindo (memória) e constituindo para o indivíduo com conjunto de imagens que serão usadas para a produção de novas criações (VIGOTSKY, 2009). Outros aspectos relevantes sobre a imaginação é que ela é um processo progressivo, complexo por ser algo subjetivo e passa por escalas que acompanham a idade não podendo ser considerada desconexa do desenvolvimento humano (VIGOTSKY, 2009).

Também para Silva (2012, p.12) a imaginação pode ser entendida como:

[..] a “faculdade”- semelhante às outras se que dispõe o ser humano (inteligência, memória, linguagem etc.) – que permite ao indivíduo operar com as imaginações (atividade de imaginar) para pensar e criar seus “mundos de fantasia” que se sobrepõem ao mundo do real concreto. Entendida assim, a imaginação não é apenas um lócus no qual habitam as imagens, mas sobretudo uma espécie de “factoria” onde elas são elaboradas e reelaboradas. (SILVA, D.; 2012, p.12)

Vygotsky (2009) voltou-se a entender como o desenvolvimento abarca o processo entre imaginação e realidade e, neste interim, definiu quatro maneiras nas

quais se dão a construção de produções imaginativas. O primeiro grande aspecto é a experiência humana que já foi explicada anteriormente. Para Vigotsky (2009) a base da imaginação está nas experiências. Então se for levado em consideração a importância das experiências seria válido afirmar que quanto maiores e mais ricas forem as variedades de experiências que a pessoa possui, maior será a capacidade de imaginação desta pessoa. Por isso é totalmente claro afirmar que a criança tem menos capacidade de imaginação que o adulto que já passou por mais experiências. Quanto à imaginação da criança Vigotsky (2009, p. 47) afirma:

Seus interesses são mais simples, mais elementares, mais pobres; finalmente, suas relações com o meio também não possuem a complexidade, a sutileza e a multiplicidade que distinguem o comportamento do homem adulto e que são fatores importantíssimos na definição da atividade da imaginação. (VIGOTSKY, 2009, p. 47).

A segunda relação entre realidade e imaginação explicitada por Vigotsky (2009) trata-se da habilidade de aumentar experiências a partir das vivências alheias. Para o autor, tal habilidade é uma das principais competências que a imaginação proporciona. Neste caso, a imaginação não terá elementos da realidade, mas o fruto dela será uma nova realidade para aquela pessoa. É o que Vigotsky (2009, p. 27) explica:

[...] o produto da imaginação, a própria combinação desses elementos, num caso, é irreal (um conto) e, o outro, a relação entre os elementos, o produto da fantasia, é não os elementos em si, corresponde a algum fenômeno da realidade. (VIGOTSKY, 2009, p.27).

Como ilustração, valer-se de um exemplo fictício. Maria pode nunca ter ido à fazenda, porém Pedro já viveu em uma fazenda e contou para Maria como era tal lugar. Então Maria começa a imaginar como é uma fazenda, todos os detalhes que a constituem desde que, ela tenha vivido ou visto alguma experiência anterior que lhe ofereça imagens mentais necessárias para tentar imaginar uma fazenda (já ter visto antes vaca, cavalo, grama, árvore, etc), mesmo sem pessoalmente ter conhecido uma fazenda propriamente dita. Ou seja, a partir do que Pedro narrou, Maria conseguirá imaginar uma fazenda se ela ao menos tiver em sua mente imagens subjetivas que afirme para ela a ideia imaginária sobre uma fazenda real.

Outra maneira pela qual a relação entre imaginação e realidade pode ser construída é através da emoção, da formação de raízes afetivas. Sendo assim, toda emoção está ligada à imagens mentais e quando o indivíduo se comporta, por exemplo, com alegria ou com tristeza, automaticamente sua mente reuni imagens ligadas a tais sentimentos que se combinam e expressam internamente para o indivíduo seus sentimentos, suas reações que, por sua vez, produziram imaginações relacionadas. Tais

imagens se combinam mesmo sem estarem diretamente ligadas formando um tipo de imaginação subjetiva e interna, ou seja, é algo expresso internamente para o indivíduo, até aí não há exteriorização (VIGOTSKY, 2009).

E, por fim, a quarta maneira de emergência da relação entre imaginação e realidade indica a possibilidade de criação sem a ocorrência do contato prévio com o objeto, daí a pessoa imagina e materializa externando. Deste modo, a imaginação quando foi posta em prática passou a ser real e a ser influente ou parte do mundo físico. Este instante é o momento da invenção de um novo objeto útil, da nova obra de arte do artista, da sistematização de uma emoção, finalmente, o que era imaginação passou a ser realidade. É a chamada imaginação criadora que será dita mais a frente (VIGOTSKY, 2009).

É importante frisar agora que a imaginação, apesar de ser um processo natural do ser humano, pode e deve ser influenciada intencionalmente por um instrumento mediador capaz de explorá-la continuamente. Tratando-se das crianças, a escola deve ser um local propício para a expressão das imaginações devido ao grande leque de novas experiências que se abrem na vida da criança quando essa chega à escola. Na escola ela tem a oportunidade de ver, saber e vivenciar momentos, situações e realidades. A criança passa a ter contato com outras crianças, com novas regras e leis, vai sendo alfabetizada e cada vez mais vai adquirindo novas informações e conhecimentos. O impacto da cultura mais ampla vai proporcionando ao estudante maiores arcabouços mentais que esse reunirá para elencar novas imaginações. Quando mais a criança for vivendo, mais ela vai adquirindo condições de produzir imaginações variadas.

As diferentes didáticas tais como o uso do lúdico, os desenhos livres, as narrações de histórias, o uso de jogos, o uso de teatros são exemplos de atividades que proporciona à sala de aula um clima propício ao desenvolvimento da imaginação. Entretanto, cabe principalmente o destaque para o papel do professor dentro da sala de aula já que o assunto é a expressão da imaginação da criança; isto é, o professor tem uma função crucial neste quadro, pois a partir de sua didática, ele pode promover o desenvolvimento da imaginação em seus alunos aceitando a expressão livre dos educandos ou ele pode simplesmente, amedrontar seus alunos educando-os a agir conforme regras e condutas inflexíveis, ao ponto de barrar a expressão das imaginações.

Em muitos casos os professores permitem que seus alunos façam desenhos, criam oportunidades para que esses escutem histórias infantis, participem de teatros e

jogos, porém tudo isso é usado de maneira corriqueira, banal e, que serve para ocupar espaços entre uma atividade e outra sem que haja um objetivo didático intencional com a atividade. Com efeito, o uso indiscriminado deixa de atingir aspectos maiores da imaginação porque não foi planejado anteriormente um trabalho intencional quanto a imaginação. Acredita-se que a imaginação das crianças quando bem explorada e valorizada contribui para a aprendizagem do estudante, aprendizagem que vai além de decorar conteúdos de disciplinas, mas que dá condições de interdisciplinaridade entre assuntos, mais arcabouços para produções e maiores condições para formação de um adulto criativo. Para tanto, compreende-se existência de atividades didáticas que permitam o exercício da livre imaginação.

Cabe uma discussão sobre o tipo de Educação oferecida nas escolas. A Educação defendida atualmente destinada às crianças e aos jovens, objetiva promover o desenvolvimento de todos os aspectos e áreas da vida do estudante. Em contrapartida, muito do que é defendido em leis, bases, normas e padrões para a educação necessita ser ainda mais esmiuçado a fim de que haja maiores destaques para os aspectos subjetivos do educando em formação, de modo a contribuir ainda mais para o êxito do aluno e para seu desenvolvimento integral. Essa discussão será mais bem ponderada a seguir.

2.1.1 Imaginação e criatividade

Imaginação e criatividade são processos subjetivos bastante unidos entre si. A imaginação é a atividade mental que todos têm que fazer antes de se chegar ao grande achado que é a criatividade. Apesar disso, a imaginação pode vir ou não a implicar em criatividade, entretanto antes da ideia criativa existir em algum momento, teve que ocorrer um processo imaginativo. Cabe-se aqui definir principalmente, a importância da imaginação diante da criatividade e, apresentar, portanto o principal papel da imaginação na vida dos seres humanos – o de criação.

Entender imaginação trata-se de entender crucialmente, além de seus vários aspectos, o poder que a imaginação tem de criar. Esse poder é tão extenso que está presente em todos os momentos e ocasiões da vida de uma pessoa, faz parte da vida humana, pois estar significativamente ligado ao comportamento humano se estendendo a si e para as pessoas ao redor (VIGOTSKY, 2009). Portanto, o importante a ser

valorizado na imaginação é que ela é muito mais que simples imagens, ela é na verdade criadora, sendo até o impulso para a criatividade. Segundo Smolka (2009, p. 60):

A imaginação não se reduz ao devaneio ou a uma capacidade fantasiosa de caráter estritamente individual. Seu desenvolvimento é de natureza social. Integrando o sistema de funções psicológicas superiores, ela se articula à atividade voluntária e à elaboração da consciência. Tem, portanto, papel fundamental na orientação das ações e a construção da vontade – social, individual –, viabilizando e potencializando a realização de projetos e a produção do no. (VIGOTSKY; SMOLKA, 2009, p. 60).

O conceito de criatividade possui diversas definições a depender dos autores e vertentes. A presente pesquisa utiliza a conceptualização que define criatividade como algo subjetivo novo capaz de promover valor para si e/ou para os demais. De acordo com Martinez (2008, p.70):

Assumimos que criatividade é um processo complexo da subjetividade humana na sua simultânea condição de subjetividade social que se expressa na produção de “algo” que é considerado ao mesmo tempo “novo” e “valioso” em um determinado campo da ação humana. (MARTÍNEZ, 2001 apud MARTÍNEZ, 2008, p.70).

De acordo com as compreensões reunidas até aqui acerca dos conceitos de imaginação e criatividade, em uma análise, verifica-se a importância da imaginação criativa dada ao benefício individual e social. “O mundo está mudando de dono. Está deixando de pertencer aos que conhecem os fatos e caindo sob o domínio dos que sabem os fatos desconhecidos” (PREDEBON, 2003 apud PEIXOTO; FERREIRA, 2011, p. 48). Em síntese, o mundo atual tem necessidade de pessoas capazes de pensar, promover soluções, criar e inovar, em suma que saibam explorar o mundo das ideias, já que ideias estão sendo cada vez mais valorizadas. No mercado de trabalho a preferência por tal material é notória em todas as áreas. O trabalhador passa a vender ideias e com isso costuma ganhar inclusive um salário superior aos demais profissionais.

Devido ao seu valor é importante desmistificar a ideia de que a criatividade é um dom dado a poucos, dessarte é uma afirmação inverídica, porque ninguém nasce premiado com um gene o mais voltado para a criação. Ao se identificar pessoas de nomes renomados por consequência de suas criações, não é justo deixar de considerar os degraus de conhecimentos que a humanidade veio trançando ao longo dos anos, ou seja, o acúmulo de experiências (descobertas de novos conhecimentos) que tal pessoa teve de recorrer seja por si só ou através de outros para enfim chegar ao ‘eureka’. Deste modo, toda criação deve ser valorizada, pois uma mínima criação pode parecer insignificante ao ponto de vista individual, entretanto ela pode ser a peça chave que

faltava de um quebra-cabeça para a ocorrência de um grande achado. Segundo Vigotsky (2009, p. 18-19):

Se levarmos em conta a presença da imaginação, que une todos esses grãos não raro insignificantes da criação individual, eremos que grande parte de tudo o que foi criado pela humanidade pertence exatamente ao trabalho criador anônimo e coletivo de inventores desconhecidos (VIGOTSKY, 2009, p. 18-19).

Todavia a escola identificada por seu caráter formativo, atualmente tem valorizado o cumprimento de currículos programados que dão ênfase nas disciplinas tais como a Matemática e o Português na Educação Básica, bem como o ingresso nas Universidades no caso do Ensino Médio. Os alunos estão cada vez mais treinados a responderem conforme fórmulas, regras e padrões nos quais estão se acostumando a seguir de tal forma que cada vez menos se exercita a criação. Mas como a imaginação que é uma ação totalmente livre de regras e parâmetros pode subsistir em um meio estático? Difícil. E se a imaginação não for trabalhada qual será a contribuição da escola para a sociedade quanto a alunos criativos? Será quase nula ou ineficaz.

Entende-se que a criatividade na escola se expressa no professor, no aluno ou na instituição (MARTINEZ, 2003). Quando o centro é no professor o foco volta-se em um trabalho pedagógico diferenciado realizado em função das necessidades de seus alunos e no modo como estes expressam a criatividade. Quando o centro é o aluno refere-se a obtenção de uma aprendizagem que seja criativa, ou seja, que se seja capaz de expandir o conhecimento relacionando esses com suas vivências, capazes de confrontar as ideias que recebe e de criar ideias novas. Quando foco é a instituição busca almejar que tal instituição estimule a expressão da criatividade, tanto caminhando junto com os docentes quanto incluindo em seus currículos tais temas destacados e viabilizando a ativação destes.

Por outro lado, existem alguns fatores que podem influenciar tanto positivamente quanto negativamente a criatividade. Fatores que se manifestam ao longo da história de vida de cada pessoa acabam por influenciar sim na expressão de sua criatividade, pois participam da constituição da personalidade da pessoa. Fatores tais como a timidez, a insegurança, o medo, a baixa auto-estima, a saber, são aspectos que chegam a frear a criatividade da pessoa e, principalmente, se ela for posta sob pressão. Fatores como confiança, intrepidez, pró-atividade, liderança, agilidade mental, extroversão, por exemplo, podem contribuir para a expressão da criatividade de alguém. Na verdade são vários os fatores que influenciam na expressão da criatividade, algumas

peessoas que costumam ter sempre suas ideias aceitas, por exemplo, costumam ser mais confiantes e nesse sentido, produzirem mais e, vice-versa. Palavras negativas como “nós já tentamos isso e não deu certo”, “não tem jeito”, “nós vamos parecer ridículos”, “vamos desistir, não conseguimos até agora”, por exemplo, são pensamentos que desestimulam a criatividade. Um aspecto imprescindível que favorece a expressão da criatividade é o gosto pelo tema. Ninguém se mostra criativo ou se sente desafiado a procurar soluções, se não se sentir interessado por seu objeto de estudo.

Por fim, compreende-se, portanto que se a imaginação não for devidamente valorizada, o impacto causado cai diretamente sob a criatividade já que o principal papel da imaginação é a criação. Portanto, se não houver lugar na escola para a imaginação, quem perde é a própria sociedade e, é ainda uma perda grande para a própria pessoa.

2.1.2 Imaginação e o simbólico

Os símbolos estão presentes em toda parte, ao decorrer dos anos todas as pessoas vão se apropriando dos símbolos para conseguirem se relacionar com o mundo ao seu redor. Com efeito, são disseminados pela relação com o outro, pela cultura.

Como dito em tópicos anteriores, Vygotsky se voltou principalmente para o estudo dos processos psicológicos superiores que são aquelas ações mentais que apenas o ser humano pode fazer, pois exige intencionalidade, planejamento e imaginação. Vygotsky passa a compreender tal processo a partir da ideia central do conceito de mediação e, nesse ínterim o autor elege dois mediadores tais sendo os instrumentos e os signos (OLIVEIRA, 2011). A mediação é entendida por Vygotsky como o ato de inserir algo no meio de um processo e, como resultado à entrada, ocorre uma interrupção ou conclusão mediada. Oliveira baseando-se nas ideias de Vygotsky, afirma que “Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.” (OLIVEIRA, 2011, p. 26). Os instrumentos são os objetos de mediação externa do homem com o meio. O instrumento tem uma função social a ele atribuída e desenvolvida mediante a necessidade do trabalho que implicou a sua criação.

Os símbolos são os instrumentos internos do indivíduo. De acordo com Oliveira (2011, p. 30):

Os signos, por sua vez, também chamados por Vygotsky de “instrumentos psicológicos”, são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo; [...]. São ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas, como os instrumentos. (OLIVEIRA, 2011, p. 30, grifo do autor).

A pessoa recorre à símbolos quando quer representar alguma realidade, ou seja, uma criança brinca com algumas pedras, mas na verdade aquelas pedras em sua brincadeira estão representando casas, animais, árvores, cidades, países. Os números são modelos de símbolos – o número 7 simboliza sete unidades de algo. Os símbolos ajudam ao homem a fazer o que a sua memória não permite, dando o exemplo de varetas que representavam cabeças de gado para fazer a contagem. No caso, “A memória mediada por signos é, pois, mais poderosa que a memória não mediada.” (OLIVEIRA, 2011, p.30).

Compreende-se, dessa maneira que os símbolos funcionam como uma representação do real. A relação entre instrumentos e símbolos dar-se, na medida em que um complementa o outro porque sempre que usamos os símbolos também precisamos dos instrumentos para complementar e materializar. Com o amadurecimento da pessoa e isso também se relaciona à idade já que implica diretamente ao amadurecimento mental, a pessoa passa a não necessitar mais de signos externos para conseguir representar internamente, ela passa a internalizar e desenvolver uma rede de símbolos internos não mais dependentes de objetos externos. A representação do real passa a ser mediadora do homem com o mundo (OLIVEIRA, 2012). Os signos (objetos representados) são internalizados, mas não o objeto em si e, sim a ideia. Dessa maneira, os signos são compartilhados pela sociedade e servindo como elementos de comunicação, pois, como cada objeto passa a ter um nome próprio todos universalmente passam a atribuir um significado (ideia) sobre tal. Contudo, a cultura marca fortemente, devido a cada grupo em sua própria forma de percepção do real, age formando cada qual suas estruturas de símbolos com distintos significados sendo sempre transmitidos pela linguagem.

Macedo, Petty e Passos (2007) voltaram-se ao estudo do lúdico na aprendizagem escolar. Uma parte da obra citada analisa o lúdico em uma perspectiva simbólica. Para esses autores a dimensão simbólica no lúdico ocorre no sentido de que para a criança tudo que ela faz todo instrumento que ela usa para imaginar e exteriorizar sua imaginação é correspondente há algum objeto ou situação real. Para ela um objeto representa outro objeto que é o real. Todo o jogo de simbolismo que a criança usa tem

um significado, um sentido para ela. E o mais interessante, o sentido é correspondente há alguma experiência vista ou vivida. De acordo com Macedo, Petty e Passos (2007, p.21):

Em outras palavras, as atividades que realizam são interpretáveis porque correspondem minimamente a algo que faz sentido, que correspondente a algo da experiência das crianças, que pode ser instituído por sua importância ou valor. (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2007, p.21).

Compreende-se, portanto que os símbolos uma vez internalizados acabam por funcionar como matéria prima para as imaginações, já que as imaginações partem de algo, não surgem do nada. Este processo que a criança faz de ver os objetos de diferentes fontes e mesclá-los em uma imaginação, tais elementos, são elementos já internalizados. O mesmo ocorre com o adulto só que com nuances menores já que o adulto a pesar de possuir arcabouços superiores maiores para imaginar, este mesmo não dá ouvido a suas imaginações tão fortemente quanto a criança. A criança, por fim vive suas imaginações, brinca usando símbolos e instrumentos que a permitem imaginar cada vez mais.

2.1.3 A imaginação o brincar e os jogos

A importância do brincar tem sido muito estudada ao longo dos tempos e principalmente na atualidade. Novos interesses vêm surgindo pelo tema como o desenvolvimento do brincar e dos jogos dentro de empresas. Reconhece-se que brincar é algo prazeroso, uma atividade própria da vida humana sendo que faz parte do desenvolvimento. Para Crepaldi (2012) o brincar faz parte tanto do mundo adulto como do mundo infantil, contudo faz parte muito mais do mundo infantil, já que o brincar molda o cotidiano da criança e, a medida que ela aprende brincando.

Brincar é algo marcante na vida da criança, pois proporciona uma articulação entre o mundo subjetivo e o mundo físico, proporciona ocupação e aprendizagem. Segundo os autores Macedo, Petty e Passos (2007, p. 13-14):

Brincar é envolvente, interessante e informativo. Envolvente porque coloca a criança em um contexto de interação em que suas atividades físicas e fantasiosas, bem como os objetos que servem de projeção ou suporte delas, fazem parte do mesmo contínuo topológico. Interessante porque canaliza, orienta, organização os energias das crianças, dando-lhes forma atividade ou ocupação. Informativo porque, nesse contexto, ela pode aprender sobre as

características dos objetos, os conteúdos pensados ou imaginados. (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2007, p.13-14)

Entende-se por brincar o ato de divertimento, de lazer livre, do faz de conta, da união de fantasias livre de regras e impossibilidades que geram prazer e realização à criança. Entende-se que o jogo é o brincar aprimorado, o jogo a atividade livre já não existe mais, agora o brincar é moldado por regras e leis que devem ser respeitados e agora haverá um ganhador e um perdedor. Pode-se facilmente perceber a forte relação que o brincar tem com a imaginação, pois a criança tem a liberdade para inventar o que quiser, ser quem quiser, onde e como for. O brincar está relacionado ao faz de conta, ou seja, a criança se espelha em algum conhecido como sua mãe, por exemplo, e brinca imaginando ser como a mãe. Nesse contexto, pode-se afirmar que houve imaginação no ato da criança, mas não uma imaginação criativa. “Brincar implica numa ação, intencional, criativa, que imita situações reais.” (CREPALDI, 2012, p.98).

Um contexto mais propício para a observação apurada da imaginação criativa está nos jogos, pois neles os jogadores são constantemente desafiados a jogar, a pensar, a medir ações e tomar atitudes sendo assim, seria mais fácil de observar imaginações criativas, pois os jogadores são desafiados a tal e, por consequência vemos crescer a cada dia no âmbito dos Recursos Humanos a utilização de jogos e dinâmicas para detectar perspectivas de atitudes e traços de personalidades dos empregados. O jogo assume um papel importante, pois potencializam a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante como um todo. De acordo com Crepaldi (2012, p.63):

Podemos, então, concluir que o jogo passa a ser utilizado na educação como ferramenta ou instrumento de aprendizagem, na medida em que facilita ou contribui para desenvolvimento físico e motor de quem brinca e ainda como elemento auxiliar na transmissão de conceitos morais e éticos. Também é útil para facilitar a aquisição dos conhecimentos que os adultos julgam necessários para que a criança se desenvolva como indivíduo e como membro de uma sociedade. (CREPALDI, 2012, p.63).

Neste contexto operacional de conceitos, é importante definir também o termo brinquedo que pode ser entendido como o objeto externo que faz uso na brincadeira, pode ser ele a boneca, a bola, o peão, as ferramentas do pai. “[..] o imaginário infantil é concretizado na transformação de materiais disponíveis na natureza, por meio da destreza e criatividade dos protagonistas.” (CREPALDI, 2012, p.15). Sendo assim, o brinquedo pode vir a ser qualquer coisa à depender da imaginação da criança.

Como dito, brincar gera aprendizado para a criança e o aprendizado ocorre a partir de si mesmo, a partir dos brinquedos e dos outros com que se relaciona durante a brincadeira. Para Crepaldi (2012, p. 84):

[...] brincar e jogar são atividades muito importantes para o desenvolvimento das crianças, porque brincando a criança atua com e sobre seu corpo, experimentando e superando seus próprios limites com o auxílio e participação do “outro”, adulto ou criança. (CREPALDI, 2012, p. 84).

Nas escolas deve-se procurar formar um espaço que permita a exploração da criança, que permita a criança que ela imagine e crie ambientes com o que ela vê externamente. O professor pode cooperar preparando na escola ambientes com jogos, brincadeiras, objetos diferenciados e espalhados pela a escola. Tudo isso contribuirá para a imaginação da criança, permitirá com que ela dê asas a sua imaginação.

2.1.4 Imaginação e teatro

O Teatro também é uma forma de criação artística. De acordo com a visão de Vygostky a criança imagina atingindo as etapas já salientadas a respeito do processo de construção da imaginação e, como consequência, o produto final seria a criação exteriorizada, a dramatização, a criação teatral.

Na criação teatral a criança tem oportunidade de maneira ir explorando mais e mais sua imaginação até finalmente ir exteriorizando-a, pondo-a em prática através da dramatização. O subjetivo e a exteriorização da imaginação ocorrem simultaneamente. A dramatização faz parte do cotidiano da criança por dois motivos, e um deles é pelo drama tratar-se da efetivação de suas imaginações, pois para a criança não basta apenas imaginar, quando ela ver algo que a interessou ela se imagina sendo aquilo, ela tenta uma forma de viver suas imaginações, a criança cria meios de expressar suas imaginações através de suas criações e, isso a proporciona realização, prazer (VIGOTSKY, 2009). Por vezes, criança faz de seu próprio corpo o instrumento para suas criações, quer dizer, quando observa um ônibus e ela passa a brincar agindo como se fosse um.

Percebe-se que a criança brinca enquanto cria, ela se diverte e se ocupa durante todo o processo de criação. Na brincadeira a criança vivencia os papéis sociais e por meio da construção de uma peça teatral formada por elas mesmas ela tem a

oportunidade de em todos os momentos ir imaginando e criando, ao mesmo tempo em que vão brincando. Para Vigotsky (2009, p.98):

Dada a raiz de toda criação infantil, o drama está diretamente relacionado à brincadeira, mais do que qualquer outro tipo de criação. Por isso, é mais sincrético, ou seja, contém em si elementos dos mais variados tipos de criação. (VIGOTSKY, 2009, p. 98).

Em uma visão pedagógica, Vigotsky (2009) apoia fortemente a inclusão de criações teatrais nas salas de aulas, justamente por acreditar que elas permitem o exercício da imaginação criadora. Segundo ele, a melhor forma de se fazer uso do teatro na escola é deixar as crianças criarem livremente toda a peça teatral. Permitir que a criança crie o enredo, os cenários, o figurino, o drama, o palco e tudo mais que for necessário, dando a ela o máximo de liberdade de criação. Para o autor, o que realmente importa é o processo de criação, o momento em que a criança usa ao máximo sua imaginação para formar o produto. Ainda que o produto possa parecer sem lógica para o adulto que ver, para a criança, faz total sentido, ela gosta, brinca, imagina e se desenvolve. Assim sendo, a encenação também é ótimo exercício para a imaginação. (VIGOTSKY, 2009).

2.2 LITERATURA INFANTIL

Na antiguidade a criança era vista como um pequeno ser que se igualava aos adultos. Acreditava-se que a criança tinha condições físicas e estruturas mentais suficientes para corresponder todas as aspirações do mundo adulto. Com efeito, o quanto antes a criança tinha que estar pronta para partilhar da vida adulta tendo de trabalhar, cuidar de si e de outros, possuir o mesmo tipo de relações sociais, físicas e econômicas que os adultos tinham.

Tratando-se da educação das crianças o raciocínio não era diferente, pois a criança tinha que ter contato com o mesmo tipo de informação que ao adulto. Na época, a classe social dos pais determinava qual tipo de informação que a criança receberia. Os filhos de burgueses liam os grandes clássicos da literatura e os pobres contavam com a oralidade de seus percussores para aprender.

Na segunda metade do século XVIII com o surgimento do Renascimento e das ideias Iluministas, a posição da criança no mundo começa a ser repensada e a ser vista de maneira diferente, a visão do cuidado começa a estar presente. No campo da Literatura alguns autores como Perrault e a Condessa de Ségur, começaram a se interessar pelo público infantil trazendo à tona nas suas histórias a transmissão da moral (FILHO, 2009). Nesse período a partir de uma demanda social da burguesia, clássicos como o “As Mil e Uma Noites” foi traduzido em uma linguagem infantil no final do século XX (FILHO, 2009).

O processo de reconhecimento da criança em suas peculiaridades e particularidades relacionadas ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional, social-cultural, motor veio paulatinamente sendo conquistado pela sociedade. Documentos em busca da valorização, reconhecimento e respeito à criança foram sendo implementados tais como a promulgação da Lei de 20 de Dezembro de 1996 – a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Planos de Diretrizes e Bases da Educação Nacional com a inserção dos Temas Transversais. A criança tem sido vista como um ser particular em formação que precisa ter consciência crítica e afetiva do mundo em que vive.

Fruto dos novos olhares voltados à infância nasce, portanto a Literatura Infantil. A Literatura Infantil é aquela que causa impacto racional e emocional, pois ela é antes de tudo uma obra artística. Ela desencadeia diversas emoções, imaginações e, logo, a sua íntima relação com a imaginação. Ao ler uma obra infantil, ao escutar o

professor ou pai contando uma história, ao assistir uma peça de teatro, a pessoa constrói, adquire e recria várias imagens em seu subjetivo despertadas por sentimentos, mas que não deixa de serem reais, pois de algum modo já foram vividas pelo indivíduo. É o caso da relação entre imaginação e realidade ligado ao caráter emocional já explicado.

A Literatura Infantil nunca deve ser considerada como algo menor ou inferiorizado. O conteúdo das obras destinadas às crianças é também o próprio mundo social encarnado nos livros. Portanto, há ali também relações de poder, percepções culturais, de gênero, de raça, etc. O papel da literatura vai além de ajudar no letramento das crianças, implica em levá-las a serem leitoras aptas a interpretar o que leem, a reconhecerem as relações marcadas na sociedade e que estão expressas nos livros. A Literatura Infantil, em síntese é muito mais que só letras, não apenas proporciona uma visão mais crítica e real do mundo, como também contribui para o desenvolvimento de outros aspectos do subjetivo humano.

O livro infantil serve para as crianças, mas não é unicamente para elas. Muitos adultos desprezam livros com figuras animadas por taxarem de livro infantil e por acreditarem que o conteúdo de tais livros possuem um alto teor de fantasias e que estão bem grandinhos para isso (SISTO, 2012). O livro infantil permite um movimento de vai e vem entre as idades, entre os tempos e espaços, pois que se lê e a maneira como lê, ou seja, o que será absorvido vai depender de cada pessoa e de seu amadurecimento mental (SISTO, 2012). De acordo com Sisto (2012, p.79):

[...] vai pegando nossa idade e vai diminuindo e diminuindo até nos colocar de frente, no tamanho exato de cada um. [...] É essa condição elástica de voltar e tornar a voltar, de mudar de lugar, de ver, ora daqui ora dali, que confere à literatura “dita” infantil uma atemporalidade, uma ancestralidade, uma universalidade que dispersa o rótulo de “isso livro é para crianças!”. E tenho visto muita gente se surpreender com o livro de criança!. (SISTO; 2012, p.79).

A fantasia no livro infantil deve ser entendida como algo propício à criação, a arte. Como já dito anteriormente, imaginação e realidade não ocupam uma linha intransponível, da imaginação para a criação é um pulo. Segundo Sisto (2012, p. 81):

Há ainda a desculpa que o livro para criança é sempre fantasioso e alienante. Mas, fantasioso deveria ser compreendido como lugar da imaginação criadora, sempre intimamente ligado à arte! O fato de se ceder espaço à fantasia não torna um livro menos ou mais real. O que separa a realidade da fantasia é uma malha muito fina! E onde uma começa e a outra acaba, nem se fala! Ainda mais que ambas só têm transparência na linguagem. (SISTO, 2012, p.81).

Deste modo, a fantasia no livro infantil deve ser compreendida como algo bom e não como algo alienante até porque o que se lê nos livros são cabíveis de

discussão, não se pode simplesmente impedir que alguém leia um livro por nele conter assuntos polêmicos como racismo, drogas, estigmas sociais, mas sim aproveitar tais temas e trabalhar educando.

No campo das Artes onde a criatividade aparentemente é mais facilmente notada, observa-se a lógica interna das obras artísticas que foram feitas intencionalmente para causar imaginações. Para Vigotsky (2009, p.33):

As obras de arte podem exercer essa influência sobre a consciência social das pessoas apenas porque sua própria lógica interna. O autor de qualquer obra artística, [...], combina as imagens da fantasia não à toa e sem propósito ou amontoando-as casualmente, como num sonho ou num delírio. Pelo contrário, as obras de arte seguem a lógica interna das imagens em desenvolvimento, lógica essa que se condiciona à relação que a obra estabelece entre o seu próprio mundo e o mundo externo. (VIGOTSKY, 2009, p. 33).

2.2.1 Contação de histórias

Antes da cultura escrita a primeira forma de comunicação foi a oralidade e era através da oralidade que se passavam os conhecimentos e regras da sociedade. As pessoas guardavam na memória o conhecimento e passava-os para os demais. Então, o ato de contar é uma técnica ancestral. Desde os tempos antigos e principalmente nas camadas mais pobres os conhecimentos que possuíam eram passados oralmente. Os pais passavam aos filhos seus valores, costumes e normas de sua cultura e estas eram transmitidas de geração a geração. As histórias das sociedades estão marcadas por tal prática. Ao escutarem as histórias as crianças recebem a herança da sociedade a cultura indígena é um forte exemplo disso, por anos as histórias dos membros mais honrados foram sendo passadas por seus ancestrais e desta maneira era disseminada também o respeito, honra, a espiritualidade e a cultura das tribos indígenas. E como se esquecer da Bíblia que é um dos livros mais antigo, mais lido e mais importante do mundo. Grande parte da história da humanidade está retratada ali. Jesus era um contador de histórias que cativava milhares de ouvintes com histórias cheias de simbolismos e metáforas e que ainda hoje marcam a vida de milhares de pessoas.

O momento de contação de histórias é um momento privilegiado, o momento da maravilha, do fantástico, da viagem, das emoções. Contar histórias requer do contador um apelo aos gestos, à entonação de voz, à necessidade de imaginar e viver os personagens que narra, requer uma articulação do olhar, de movimentos físicos.

Contar uma história requer um envolvimento da alma do narrador com a história que ele conta. Contar histórias é diferente de ler histórias ou falar sobre uma história, requer emoções, envolvimento físico deve-se contar “[...] como se conta um fato da vida pessoal, com envolvimento, emoção, naturalidade, credibilidade.” (SISTO, 2012, p. 34). Requer também um envolvimento emocional, o contador tem que se interessar pelo que tem em mãos, tem que se sentir apaixonado, tem que ler e reler várias vezes a história contada ao ponto de conseguir recriá-la, de se sentir pertencente a ela, pois se uma história não conseguiu atingir o narrador como pode atingir quem vai escutar. Nunca se pode cometer o erro de contar histórias que não significam nada para si, pois certamente não conseguirás atingir quem escuta. Sobre a relação entre identidade do narrador e do texto escolhido carece saber que “A escolha dos textos deve passar ainda pela qualidade poética e humana do relato. Contar apenas para preencher vazios do tempo é como usar anéis e pulseiras de ouro para trabalhar na terra.” (COSTA, 2009, p. 85). O prazer deve ser mútuo tanto para quem conta tanto para quem escuta, pois a história depende dos dois.

Costa (2009, p. 81) fala do valor humano que a contação de histórias possui diante das peculiaridades singulares de cada pessoa:

Na contação, as palavras devem assumir toda sua densidade, todo o seu poder de evocação, o poder de fazer ressurgir no contador e no ouvinte as sensações e as experiências vitais nelas depositadas. Daí o valor humano, assumida pelo ato de contar histórias. (COSTA, 2009, p. 81).

A história nunca vai ser a mesma para todos, pois cada um vai se apropriando daquilo que tem condições de imaginar, que lhe tocar, que se mesclar com suas emoções, conflitos, gênero e identidade. Sisto (2012) define a relação entre contador e quem escuta como “uma emoção renovada”, porque nunca vai despertar o mesmo tipo de emoções, imaginações, lembranças, etc. Então depende do narrador e do ouvinte.

São muitos os aspectos que o narrador de história tem que observar ao estar contando as histórias como, por exemplo, eliminação de vícios de linguagem, a empatia como o público, o respeito a participação criativa desses, o respeito ao gosto do público, alguns outros já foram ditos, porém não se pretende aprofundar muito nesses aspectos, todavia se valoriza a singularidade do contador sendo ele parte da história que está sendo contada.

O local habitualmente lembrado quando se trata de contar histórias é a escola. Apesar disso, a escola não é o único lugar e sim o local onde tal prática deve

obrigatoriamente existir. Na realidade, o contar e ouvir histórias acontece em todo lugar, faz parte do ímpeto humano. Para Sisto (2012) não há lugar nem momento mais adequado para contar histórias, todo lugar pode vir a ser um cenário de uma boa contação de histórias.

Costa (2009) afirma que uma maneira de inserir a criança no contexto cultural já dado no mundo ao longo dos séculos é contando histórias para elas. “[...] podemos afirmar que contar histórias – assim como ouvi-las – é uma experiência humana insubstituível.” (COSTA, 2009, p. 82). Para Costa (2009) além da função de humanização que ouvir histórias proporciona, ela oferece principalmente o desenvolvimento da imaginação da criança que é encarada pela autora como uma função psíquica de tal prática. Segundo Costa (2009, p.82):

De fato, um dos caminhos para integrar as crianças no universo cultural, construído ao longo dos séculos, é contar-lhes histórias imaginativas. Além da função de resgate da cultura, essa atividade proporciona momentos em que o ouvinte trabalha mais intensamente, e de maneira individualizada, o seu imaginário. Há, portanto, uma função psíquica formadora na contação de histórias. Além, é claro, do natural prazer divertimento de poder compartilhar narrativas inventadas. (COSTA, 2009, p. 82).

Para Sisto (2012) ao se escolher uma história para contar nas escolas deve-se fugir de práticas como o didatismo e moralismo, na medida em que os livros não devem simplesmente serem tratados assim. Muito mais que apenas utilizá-los para cumprir relação com algum conteúdo programado ou para passar lições de moral no final, a contação de histórias necessita promover nos ouvintes a felicidade de imaginar, a ludicidade, o prazer de viver, de se envolver e recriar a história ouvida. Observamos muitas escolas e, principalmente de Ensino Médio, obrigando alunos a lerem obras que serão cobradas em exames. O fato de transformar leitura em obrigação não dá chance para o principal que inclusive, deveria ser mais valorizado no exame, que é a formação do leitor interessado, envolvido e cativado pelo mundo da leitura. O mesmo se vê em pais que com o intuito de ajudarem seus filhos a desenvolverem a leitura compram obras para seus filhos priorizando lições de moral, pois desconhecem a verdadeira necessidade que uma história tem para cada pessoa. É o que afirma também Sisto (2012, p.80):

Os pais, menos atentos e mais culpados pela falta de atenção, transferem à atividade de leitura de seus filhos a função de ensinamento dos valores perenes do mundo, quase sempre de forma maniqueísta, dogmática e inconsciente. Esse material, que muitas vezes é deformador do gosto, é também autoritário, porque estabelece com o leitor uma relação desigual, ao impor uma visão de mundo carregada de pré-conceitos, e de cima para baixo. (SISTO, 2012, p.80).

Sisto (2012) defende que levar a criança a gostar de ouvir, fazê-la se sentir acolhida, encantada, totalmente envolvida com as histórias que escuta é ainda a melhor maneira de promovê-la ao gosto pela leitura, pois quando crescer ela irá recorrer a sua memória e se lembrar das histórias contadas e irá querer conferir por conta própria as experiências vividas e aí vai nascer os leitores cativados por histórias e a própria contação de histórias ficará cravada na história de cada um. Como a famosa frase ‘quem conta um conto aumenta um ponto’ assim a atividade de contar histórias vai se perpetuando entre as gerações, pois ela nunca será estática. Segundo Sisto (2012, p.32):

E é exatamente do fascínio de ler que nasce o fascínio de contar. E contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário. Vivemos, em nosso tempo, o império das imagens, quase sempre gerais, reprodutoras e sem individualidade. Essa reprodução, desenfreada, operada por uma série de meios de comunicação, em muitos casos, impede o livre exercício da imaginação criadora. O espaço que sobra para o destinatário influir no produto é quase nenhum. (SISTO, 2012, p. 32).

3. ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA/PESQUISAS

As pesquisas que envolvem os temas imaginação e educação são variadas. Foram efetuadas análises sobre os trabalhos já realizados até hoje, a fim de se identificar como a presente monografia pode contribuir com o avanço dos estudos. Para tanto, buscou-se no sítio da Capes por teses de mestrado e doutorado. A busca foi refinada pelas palavras chaves “imaginação educação” e, foram ainda selecionados apenas os trabalhos que possuíam relação com o objetivo desta monografia. Ao todo foram encontradas 16 teses. Tais pesquisas foram divididas em 4 grupos sendo eles “A”, “B”, “C” e “D”. No primeiro grupo foram incluídos 6 teses, no segundo 5 teses, no terceiro 3 teses e no quarto 2 teses. As pesquisas serão apresentadas a seguir juntamente com a análise dessas e, por fim serão elencadas as contribuições da presente monografia diante dos trabalhos já realizados.

O grupo referenciado por “A” tem como foco o docente. Nesse grupo foram separadas as pesquisas: Bertoldo (2004), Reis (2010), Fonseca (2004), Leite (2004), Silva (2003) e Silva (2006). Este grupo foi disjunto, uma vez que foram encontradas teses que objetivam principalmente, analisar a postura do professor perante a imaginação expressada pelas crianças diante das atividades realizadas em sala de aula. Em análise, os resultados dessas pesquisas dizem que os professores não compreendem a importância e benefícios da imaginação para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Dentro dessa categoria, elenca-se uma ramificação que se direciona à formação docente. Foram identificadas três pesquisas que se preocuparam resgatar a importância da formação docente ou mesmo o resgate dos valores perdidos quanto à imaginação. Delimita-se que nem todos os professores tiveram desde os primórdios de sua formação uma atenção voltada para os benefícios da imaginação e, por isso não sabem valorizar ou desconhecem os impactos positivos que essa acarreta sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Cabe então uma importância especial à formação docente e o resgate de valores perdidos a fim de se projetar docentes interessados e preparados.

Bertoldo (2004) realizou uma pesquisa com o objetivo de propor uma valorização maior que a existente hoje nas escolas a respeito das atividades lúdicas, do imaginário e do simbólico. Para tanto, o autor buscou defender pedagogia da

imaginação a partir da perspectiva do imaginário social. Para tanto, a pesquisa procurou realizar com os professores uma atividade de ressignificação de suas infâncias e da presença lúdica e imaginária contidas nela, a fim de que o docente se reconhecesse em seu aluno de hoje e, assim compreender as necessidades do seu aluno. Os resultados mostraram que os educadores mudaram suas concepções a cerca do jogo e passaram a possuir nova compreensão conceitual do efeito do jogo sobre a criança.

Reis (2010) desenvolveu uma pesquisa que defende uma formação docente que contribua para o desenvolvimento da criatividade do aluno. A autora acredita nos benefícios da arte para a imaginação e para a criatividade das crianças. Defende-se a ideia, baseada na perspectiva histórico-cultural, de que a formação do professor se dá antes mesmo da inserção na academia, pois se perpetuam pelos grupos sociais na qual fazem parte. Nesse hiato, oficinas de produção e apreciação de arte na academia contribuem para a formação do professor defendido.

Fonseca (2004) procura realizar um estudo histórico sobre o ato de contar história ao longo da humanidade. A autora parte do pressuposto de que a narrativa literária apesar de fazer parte da história da humanidade, perde força com o avanço tecnológico. O mesmo se dá com a prática de contação de histórias nas escolas. Sendo assim, a autora procurou realizar uma pesquisa com o objetivo de resgatar a memória do docente quanto a prática de contação de histórias e seus benefícios para o letramento e para a imaginação do aluno.

Leite (2004) com o interesse em realizar uma pesquisa acerca da imaginação no âmbito da Educação Infantil procurou identificar as concepções dos docentes sobre a imaginação. Apoiando-se na abordagem histórico-cultural, a autora valoriza o papel da imaginação para o desenvolvimento infantil e, em especial durante a Educação Infantil, procurando ainda identificar o papel do professor no desenvolvimento da imaginação. A pesquisa foi feita com crianças de 3 a 6 anos de idade e com uma amostra de 15 professores. O estudo identificou que a imaginação ocupa um lugar descartável ou nocivo em sala de aula ou mesmo é entendida como algo cabível se não estiver relacionada aos conteúdos. Em síntese, a pesquisa concluiu que as concepções dos professores sobre imaginação é algo totalmente a margem do real significado e aparentemente, para os docentes a imaginação não traz implicações positivas para o desenvolvimento e aprendizagem da criança na escola.

Silva (2003) fez um estudo com o propósito de saber as representações que os professores possuem sobre a brincadeira de faz de conta. A autora assim procedeu,

pois reconhece que tais concepções influem fortemente o trabalho de tais docentes, uma vez que se trata de um conjunto de ideologias fortemente ligadas à formação docente na década de 90 e ao contexto em que estudaram os primeiros anos de escolarização no ano de 1970, ou seja, as técnicas e teorias tradicionais. A pesquisa conclui que tais docentes não são conscientizados sobre a importância da prática para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, para expressão da imaginação, nem para a criatividade e nem para outros aspectos importantes que foram levantados. Os professores não conseguiram conceber a forte relação existente entre o imaginário o real e quanto mais importância disso na prática do aluno. A pesquisa salienta, portanto que a condição de formação de tais educadores está fortemente ligada aos resultados da pesquisa.

Silva (2006) realizou um estudo com foco na imaginação da criança e suas manifestações em sala de aula. A autora apoia-se na perspectiva histórico-cultural. Em suma, resultados gerados voltaram-se principalmente para postura repreensiva dos professores diante das expressões imaginativas dos alunos, acarretando um prejuízo aos educandos. Entretanto, se salienta também a tentativa dos alunos por romper tais barreiras impostas.

O grupo referenciado por “B” tem por foco a expressão da imaginação da criança. Nesse grupo estão separadas as pesquisas: Leão (2012) e Santos (2002). Tal categoria está posta porque foram identificadas teses em que a expressão da imaginação da criança é o foco principal da pesquisa. Em síntese, a análise volta-se a dois pontos de vista diferentes: se por um lado as crianças procuram imaginar e criar dentro do contexto escolar, por outro lado não se sentem a vontade para fazer isso dentro da escola. Isso conclui que apesar de quererem expressar suas imaginações, elas não se sentem livres para tal. Nota-se ainda que foram poucas as pesquisas que se comprometeram em analisar as expressões imaginativas das crianças.

Leão (2012) fez uma pesquisa com o intuito de verificar as expressões de imaginação e criação de alunos e professores. O objetivo da pesquisa está arrolado à relação professor e aluno e o campo das artes sendo que se procura compreender como as diversas expressões de imaginação dos alunos se inserem. Para tanto, foi realizado observações em uma turma de Educação Infantil e outra de Ensino Fundamental e, posteriormente foram feitas análises de tais observações e das fotografias tiradas das produções dos alunos. A pesquisa concluiu que ainda que fosse fora do contexto de ideias a qual foi impulsionada, em todos os casos o desejo por imaginar e criar estava presente.

Santos (2002) realizou um estudo a fim de verificar se as expressões imaginativas das crianças que cursam a Educação Infantil são livremente expressadas ou se são bloqueadas. Conclui-se que ao invés das crianças se sentirem livres para se expressarem são quase que sempre inibidas. Em síntese, o resultado mostra que a criança não se reconhece como um ser com liberdade para se expressar em sua escola. Para o autor é necessário cada vez mais ser trabalhado a autonomia e a imaginação principalmente das crianças na escola.

A terceira categoria simbolizada por “C” tem o foco voltado para as narrativas literárias. Neste grupo foram separadas as pesquisas: Soares (2007), Koehler (2008), Costa (2009), Araújo (2009) e Serres (2004). Tal categoria foi delimitada porque foram identificadas teses que falam a respeito da importância das experiências com narrativas literárias sendo através de ouvir histórias ou do reconto dessas que, de alguma forma implicam no estudante. Em análise, compreende-se que as pesquisas definem que os benefícios dos trabalhos citados acima perpassam desde a potencialização da imaginação ao auxílio no letramento, ao passo que também favorece fortemente processos subjetivos como a imaginação e a criatividade e, além disso, ajudam na aprendizagem de conhecimentos, na sensibilidade de percepções estéticas, letramento, intertextualidade, etc. Contudo, os benefícios não atingem linearmente, possuindo, portanto ressalvas e, nem sempre chega a ser um processo prazeroso.

Soares (2007) fez uma pesquisa com o intuito de comprovar se a imaginação produzida pelas crianças com o auxílio de histórias infantis pode ajudar na aprendizagem desses. A autora fez uso de um conto de fadas acreditando que esse pode contribuir para a expressão da imaginação. O trabalho realizado durante a contação de tal história foi dividido em três tempos: o (não faz), o (não fala) e o (faz e fala). Tais tempos foram constituídos para determinar a compreensão das crianças acerca da história instaurada pelo terreno imaginário. A autora identificou que as crianças foram capazes de distinguir partes, analisar, descobrir, compreender e explicar, ou seja, elas foram capazes de aprender.

Koehler (2008) fez um estudo com a finalidade de verificar os resultados positivos advindos do contato com narrativas literárias que são difundidos em pesquisas. Alguns dos benefícios já conhecidos são: a contribuição para a criatividade e imaginação, o auxílio no letramento, o alargamento de experiências, etc. A pesquisa verificou que os diversos resultados positivos nem sempre ocorrem de modo linear,

espontâneo e prazeroso. A pesquisa também definiu que a atividade de contar histórias perpassa a família e os amigos.

Costa (2009) realizou uma pesquisa buscando saber mais sobre a relação entre a educação, a criança, a infância e o ato de contar histórias nas pesquisas de mestrado. Logo se verificou que a contação de histórias em todas as pesquisas estava relacionada ao campo das artes e suas contribuições para a imaginação. A pesquisadora foi a fundo e pesquisou também a relação entre atividade criadora, imaginação e o ato de contar histórias. Nessa análise identificou que a ação de contar história na escola é importante, pois ajuda promover a imaginação criadora, auxilia na percepção do real, melhora a habilidade de percepção estética da criança, etc.

Araújo (2009) fez uma reflexão sobre a literatura e a Educação Infantil. A partir de um grupo de crianças, procurou perceber o processo de construção de narrativas literárias no contexto de contação de histórias. A metodologia foi dividida em contar e recontar histórias. Primeiramente as crianças ouviam histórias e em seguida teriam de recontar. As atividades foram gravadas em vídeo e analisadas de acordo com aspectos específicos determinados pela pesquisa. Os resultados revelaram que quanto mais a criança se envolve com as narrativas como nesse caso no qual elas tiveram que ouvir e recontar as histórias, mais elas se sentem envolvidas. A pesquisa compreendeu que a narrativa literária possibilita o forte exercício da imaginação e ainda traz benefícios para o letramento da criança.

Serres (2004) realizou um estudo com o fim de demonstrar como o trabalho com contos de fadas pode ser algo que favorece a imaginação criativa das crianças. Para tanto, a pesquisadora usa dos pensamentos de autores como Bruno Bettelheim que defende a prática de recontar histórias permitindo que o aluno se alimente progressivamente dos fatos, e usa também dos pensamentos de Bordine e Aguiar que discorrem a respeito da criatividade. A história defendida pela autora é aquela que não possui relação com conteúdos programados, mas possui o objetivo único de promover imaginação e gosto pela leitura. A autora tentou mostrar como é possível a partir de práticas lúdicas diferenciadas, trabalhar com a mesma história e propiciar a imaginação criativa.

A categoria simbolizada por “D” possui como foco o lúdico, sendo que principalmente em atividades como o brincar, jogos, atividades físicas, músicas. Nesse grupo foram separadas as pesquisas: Gonsales (2003), Brito (2009) e Santana (2008). Tal categoria foi disposta porque identificou-se pesquisas que tratavam separadamente

do lúdico e de sua relação com a imaginação, a criatividade e aspectos que atingem o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Em análise das pesquisas catalogadas neste grupo resulta-se que o uso do lúdico produz benefícios para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Tais benefícios são ressaltados principalmente quanto à imaginação, contudo também abarca outros aspectos como influência positiva no aprendizado oral e escrito, a criatividade, etc.

Gonsales (2003) realizou uma pesquisa sobre a imaginação da criança pautando-se nas ideias de Piaget. Fez uma pesquisa com um grupo de crianças entre 4 a 9 anos que participavam de atividades físicas, artísticas, contação de histórias e brincadeiras de faz de conta. Tais atividades tinham o objetivo de promover desenvolvimento da criança por meio da psicossocialização e da imaginação. O trabalho concluiu que tais atividades favorecem a psicossocialização e a criatividade dentre outras conclusões.

Brito (2009) fez um estudo com o propósito de valorizar a ludicidade acreditando nos efeitos positivos que esta traz para a aprendizagem formativa e em especial à alfabetização ecológica. Os resultados da pesquisa demonstraram que as atividades lúdicas possuem um forte impacto em relação ao incentivo à imaginação, à atenção e à aprendizagem oral e escrita e, ainda promovem um forte envolvimento por parte dos alunos.

Santana (2008) procurou analisar o quanto oficinas de jogos e atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento da imaginação. Para tanto, fez um estudo com um grupo de crianças entre 4 a 5 anos de idade, estudantes de Educação Infantil. Análise foi realizada a partir da coleta de falas das crianças durante as atividades lúdicas. A pesquisa concluiu que as atividades lúdicas citadas contribuem fortemente para imaginação da criança nessa modalidade de ensino.

Levando em consideração as análises das teses elencadas em grupos serão relatadas agora as contribuições dessas pesquisas para esta monografia. Compreende-se que os resultados implicam em sua maioria para os instrumentos que funcionam como mediadores entre a pessoa e a imaginação, sendo eles a contação de histórias, a ação do docente e a atividade lúdica. Neste quadro, a imaginação é vista pelos autores como algo benéfico para o desenvolvimento e aprendizagem da criança na escola. Assim sendo, a presente monografia se apoia nos benefícios que a imaginação acarreta para a criança e procura ir além, articulando de forma integrada a postura do docente em sala de aula no contexto de contação de histórias e, as produções imaginativas das crianças,

pois, acredita-se ser um campo que mereça ainda mais estudos pelas suas implicações para o trabalho em sala de aula.

4. METODOLOGIA

A presente monografia buscou analisar se a imaginação é devidamente valorizada em sala de aula no momento de contação história e como a imaginação é expressa nesse tipo de atividade. Os objetivos específicos da pesquisa são: identificar o que as crianças gostam de imaginar; identificar atitudes pedagógicas que ajudam a valorizar a imaginação dos alunos; verificar se as crianças se sentem à vontade para expressar suas imaginações na escola e durante a contação de histórias. Esses objetivos específicos foram sendo alcançados ao decorrer da coleta e análise dos dados coletados.

A pesquisadora se empenhou por realizar uma pesquisa do tipo pesquisa de campo. A pesquisa é qualitativa, pois se avalia que essa abordagem é a única capaz de conseguir abarcar elementos subjetivos tais como a compreensão da imaginação. A pesquisa qualitativa é destinada a dados impossíveis de serem medidos ou parcialmente medidos. A pesquisa qualitativa considera também a ação/relação direta entre pesquisador e participantes da pesquisa tal como foi devidamente concretizada.

O trabalho foi realizado em uma instituição pública localizada no Distrito Federal. Tal escola atua ofertando o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, nos turnos matutino e vespertino. Essa escola foi escolhida porque a pesquisadora já havia realizado trabalhos anteriores na mesma instituição e, por isso já conhecendo a rotina da escola em si, mas não da turma específica.

Para estudo foi escolhido uma turma de 2º ano. A turma era formada por 19 alunos divididos entre homens e mulheres com idade entre 6 a 7 anos. Os educandos estavam em fase de alfabetização. A turma como um todo era composta de alunos participativos, atentos, obedientes às orientações e regras impostas pela professora, aplicados, esforçados, alegres, e não se encontrava alunos com grandes dificuldades de aprendizagem ou com algum tipo de deficiência. Os alunos tinham semanalmente contado com recreações e aula de informática, além disso, participavam diariamente de atividades de contação de histórias. A docente responsável pela turma possuía uma vasta experiência na profissão. A educadora fazia uso constante de práticas lúdicas tais como brincadeiras, narração de histórias, jogos, desenho orientado e recreação no parque da escola. Ela mostrava ainda ter domínio dos conteúdos científicos, rigidez quanto às regras que impunha à turma e procurava explorar oportunidades que permitiam a inclusão de conteúdos científicos.

A ida ao campo se dividiu em três etapas distintas. A primeira ocasião foi destinada a observação da atividade de contação de histórias no qual a docente da turma era a contadora. Nesta fase da pesquisa, foram observados três episódios de contação de histórias em dias diferentes e com histórias diferentes. Objetivo dessa etapa foi observar as expressões imaginativas no contexto de contação de histórias e, observar a postura da docente diante das oportunidades de exploração da imaginação da criança. Foram anotadas as falas das crianças em suas expressões imaginativas acometidas durante a contação das histórias e as manifestações da docente diante delas. As observações foram devidamente analisadas.

A segunda etapa destinada à coleta de dados para pesquisa foi dedicada à observação da imaginação criativa das crianças em um contexto de contação de histórias por parte da pesquisadora. Foram escolhidas apenas 4 crianças (2 meninas e 2 meninos) que durante o primeiro episódio se mostraram mais participativas. Nesta etapa foi realizada a contação de uma história infantil, porém dessa vez pela pesquisadora e, posteriormente foi solicitado às crianças que imaginassem a história com um final diferente e apresentassem para os colegas ali presentes. O objetivo com essa etapa foi verificar como as crianças expressavam suas imaginações quando tivessem a liberdade para assim fazer. O encontro foi gravado em áudio e as apresentações das crianças em vídeo.

A terceira etapa de coleta de dados foi destinada a saber diretamente das crianças algumas questões relacionadas com seus processos imaginativos. Deste modo, procurou-se esclarecer questões tais como se gostam de imaginar, a respeito do que imaginam, onde gostam de imaginar e se se sentem livres para imaginar dentro da sala de aula. Para isso, foi realizada uma roda de conversas com as crianças com o propósito de colher tais relatos. A conversa foi devidamente gravada em áudio e os relatos mais importantes que se aplicavam ao objetivo da pesquisa foram transcritos.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 ETAPA I

Esta etapa apresenta a descrição das observações das crianças e da docente responsável pela turma durante os períodos de contação de histórias. As análises das observações estão destacadas em *itálico*.

5.1.1 Contação de histórias

5.1.1.1 Encontro I

A atividade de contar história é algo diário na turma observada, sempre quem conta a história é a docente responsável pela turma. Nesta observação a história que a professora leu chama-se “Quando crescer eu vou ser...”. O momento de contação de histórias durou em média 50 minutos.

Antes de iniciar a aula a docente chamou a atenção dos alunos para minha presença na sala de aula. A educadora explicou dizendo que eu estava estudando e que eu gostaria de aprender mais observando as crianças. A professora avisou aos educandos que eles viessem a se comportar para que eu não dissesse que eles eram bagunceiros. Eu achei graça e cumprimentei os estudantes no momento em que me foi permitido.

A professora então convidou os alunos para se achegarem até a parte da frente da sala de aula e se acomodarem no chão, pois ela iria começar a contar a história do dia. Todos os educandos foram sem precisar chamar a segunda vez. Todos se organizaram um lugar bem próximo um do outro.

A docente começou mostrando a capa do livro para os alunos e conta o nome da história e indagou aos alunos: “- Do que vocês acham que se vai tratar essa história?”. As maiorias dos estudantes permanecem calados olhando para ela, outros

decidem responder: “Vai falar do que a pessoa vai ser quando ela ficar adulta”. A educadora escuta a fala, responde afirmativamente e continua mostrando a primeira página do livro.

No caso desse dia, a própria história contada já produzia espaço para a imaginação da criança desde o título da história. Bastava então a docente mediar essa relação dando espaço para os alunos imaginarem. Esta pergunta “O que vocês acham que se vai tratar essa história?” como foi usada sem antes mesmo de ter iniciado a contação de histórias, contribui para que o aluno pense e imagine só que pode se tratar o enredo. Contudo, resposta da educadora foi muito rápida. Uma aluna respondeu dizendo o que achava e logo a docente confirmou a resposta e os outros estudantes que também poderiam ser ouvidos ficaram aquém.

A professora foi mostrando as imagens do livro. No livro os objetos recebem aparência humana como as nuvens com cabeça e rosto. Algumas crianças ponderaram: “- Nossa nuvem com cabeça – hahaha”, “- Isso existe?” – a maioria dos alunos riram. *A docente responde a pergunta dizendo que não. Esse espaço também poderia ser mais explorado, por se tratar exatamente de um mundo totalmente imaginário em que tudo é possível. A educadora poderia ter exposto este lado possível dentro da imaginação das crianças afirmando para ela que isso era possível desde que fosse no mundo imaginário e a partir disso propor perguntas como “O que mais poderia ter vida no mundo da fantasia” ou “Se essa nuvem tem olhos, nariz e boca será do que é formada a chuva que sai dela?”, por exemplo. Isso mostraria para a criança que ela tem liberdade para imaginar e, principalmente dentro da sala de aula, para crer em um imaginário que traz elementos do real e inclusive, entender o que é imaginário. Porém, para isso ocorrer é necessário que a própria educadora veja a imaginação como algo bom e necessário, pois caso contrário ela não conseguirá essa possibilidade para trabalhar de modo a valorizar a imaginação das crianças.*

Dando continuidade e sem ainda iniciar a contação, a docente pergunta às crianças o que elas gostariam de ser quando crescerem e o porquê de escolher tal profissão. Algumas crianças responderam: “- Um morcego, um gato morcego”; “- Um administrador. Ah tia já deu até dor de cabeça.”; “Um advogado, porque ajuda as pessoas.”. Algumas crianças disseram: “- Quando eu crescer vou querer trabalhar em casa”; “- Vou querer ser o pé grande.”; “- Vou querer virar uma bruxa no dia das travessuras e brincadeiras.”.

A educadora continuou contando a história cheia de situações que fogem do real. Na história o personagem principal busca ser o objeto, profissão ou animal que lhe parece ter a função mais admirável. Toda vez que o personagem descobre que existe algo mais importante do que o que ele escolheu para ser, decide mudar e ser outra coisa que lhe parecer ser mais útil e divertida. *Nota-se aqui que a história escolhida pela docente, como dito, é muito fértil para se trabalhar a imaginação, pois praticamente todos os elementos são imaginários.*

Enquanto história ia sendo contada e a professora ia também mostrando as imagens alguns comentários dos alunos iam sendo feitos: “- Selva de banana.”; “- Agora esse guarda-chuva vai beber água de chuva”; “- Eu acho que esse menino vai se dar mau”. *Interessante que as crianças iam expondo seus comentários mesmo sem a educadora autorizar.*

Quando a história terminou a professora começou a conversar com os alunos. Ela questionou: “- Do que eles estavam conversando na história?”. Um educando respondeu dizendo que era das profissões. A docente explicou: “No início estava falando de profissões e depois pessoa começou a querer ser objetos e animais porque ele só queria ser aquilo que fosse mais importante. No final vocês viram o que ele quis ser? Qual foi a coisa mais importante que ele achou?”. Várias crianças responderam dizendo que foi o Sol. A educadora prosseguiu explicando: “Sem ele (o Sol) não poderia existir nada. Não iria ter flores, árvores, animais, nem mesmo nós porque o Sol ajuda a aquecer o nosso corpo. O Sol adora ser ele mesmo, [na história] ele não queria ser mais ninguém, porque ele sabia que ele era especial, pois igual a ele não existia mais ninguém no mundo. Se não existisse o Sol só iria ter a noite e tudo iria ser escuro. Uma criança respondeu: “- Não tinha como despertar gente”. A docente seguiu: “- Se não fosse o Sol o ar estaria mais poluído”. *Aqui se observa que a docente faz um apanhado geral da história que foi lida e explicando, aproveita para inserir um assunto didático sobre o Sol e a importância dele para a Terra. O que mostra que a professora consegue trabalhar histórias aliando ao conteúdo didático que também é um jeito atraente de ensinar conteúdos, contudo não se pode menosprezar a função principal das histórias infantis.*

Continuando, a educadora articulou: “- Fechem os olhos, pois vocês irão imaginar. Vamos, todo mundo de olho fechado? Então vamos, imagine você lá na barriga da sua mãe, você bem pequenininho e aí você saí da barriga da mamãe e vai crescendo e já vai ficando adulto. Que tipo de profissão você iria ter? O que você iria

fazer nesta profissão? Qual roupa você iria usar? Qual seria sua função? Pensaram? Agora abram os olhos. Muito bem, vocês agora vão me dizer o que pensaram.”. *Nesse episódio observa-se uma intenção especial da professora em fazer com que os alunos imaginem. Não se sabe se a intenção foi proposital ou intencional já que ela sabia que havia um pesquisador na sala procurando estudar mais sobre a imaginação da criança. Do qualquer forma foi uma boa intenção. Contudo, a pergunta inicial “Que tipo de profissão você ia ter?” pode ter funcionado como um freio para a imaginação das crianças. Lembrando que o garoto da história viveu inúmeras aventuras porque em uma oportunidade se imaginava ser um objeto, em outra ocasião um animal e em outra chance uma pessoa com profissão, ou seja, não tinha nada de lógico nisto, pois ele se tornava o que queria independente se a escolha fosse um ser humano, um animal ou um objeto. Então, quando a docente indica logo no início de sua fala a palavra ‘profissão’ já direciona o estudante a pensar em alguma profissão e conseqüentemente perde a possibilidade de colher relatos fortemente imaginários que, inclusive, a história que as crianças haviam acabado de escutar já havia preparado os alunos para imaginar episódios recheados de fantasias. Mas a colocação inicial da educadora freou. No entanto, o início da narrativa da docente quando ela incita a criança a montar um cenário imaginário foi sim uma excelente atitude que poderia ter gerado grandes relatos.*

A professora foi apontando o dedo para o educando e pedindo para que eles respondessem. As respostas foram: “- Delegado, porque prende ladrão”; “- Polícia, porque prende o ladrão”; “- Polícia (não soube falar o porquê queria ser isso)”; “- Doutora, porque cuida dos idosos, crianças e adolescentes”; “- Bombeiro, porque ajuda as pessoas”; “- Presidente do país, porque ajuda todo mundo, livra as pessoas das drogas e faz as pessoas felizes”; “- Bombeiro, porque ajuda as pessoas”. A docente falou: “- Mas você sabe que não é só o bombeiro que faz isso, são vários bombeiros”. O garoto contrapôs articulando: “- Ah eu podia ser uma equipe de bombeiros”. Continuando as respostas: “- Médica, porque ajuda os outros a melhorar”; “- Enfermeira, porque ajuda os animais.” A professora elucidou que enfermeira ajuda pessoas. E a menina continua a resposta: “- Não, eu vou ser médica de animais”. A educadora advertiu: “Então você vai ser médica veterinária”. Prosseguindo as respostas dos estudantes: “- Médico, porque ajuda as pessoas”; “- Detetive, porque descobre os mistérios”; “- Piloto de Fórmula 1, para competir”; “- Policial, para acabar com as drogas e os bandidos nas ruas”; “- Pastor, para fazer oração e ungir as pessoas”; “- Palhaço, para deixa as pessoas alegres”;

“- Professora, para deixar as crianças inteligentes”; “- Advogado, para trabalhar junto com meu pai, porque advogado tem muito dinheiro”; “- Vou querer trabalhar no Zoológico para levar meus filhos para conhecer”; “- Polícia, não sei porque”; “- Polícia para prender os ladrões”; “- Dona de academia, porque eu gosto de fazer exercício”.

Observa-se acima que as repostas foram todas voltadas para a profissão de uma pessoa. No início da história a professora já tinha perguntado o que as crianças gostariam de ser quando crescessem, porém não tinha falado em profissão e olha as resposta de dois alunos: “- Vou querer ser o pé grande.”; “- Vou querer virar uma bruxa no dia das travessuras e brincadeiras.”. Ou seja, percebe-se aí um ato imaginativo em que por mais que a criança possa ter visto um desenho com o pé grande ou um filme falando do Halloween ela foi capaz de combinar imagens e imaginar projetando seu futuro através de coisas sem condições reais a não ser no mundo imaginário. Houve da parte da criança uma imaginação que não foi induzida pela docente, pois o que ela fez foi apenas proporcionar um espaço para tal.

No caso das respostas sobre a profissão, observa-se que muitos dos alunos procuram responder profissões que possuem contato direto ou indireto através dos pais, por meio de uma instituição social que frequenta como a igreja, através de um hospital que já tenha ido ou visto ou por meio da mídia que mostra o trabalho dos policiais por exemplo. Dessas respostas não se pode afirmar que houve criatividade, pois necessitaria de análises mais profundas. Quanto à imaginação contida observa-se que houve sim imaginação, mas esta foi muito fraca em relação ao que poderia ter sido se a atitude da docente tivesse sido um pouco mais intencional quanto o ato de imaginar e não apenas de ter o produto (a resposta) em mãos.

Foi visto que na hora em que a docente mostrava as figuras para as crianças a atenção e os comentários eram bem mais persistentes. A maioria dos alunos faziam algum tipo de comentário quando a docente mostrava as ilustrações dos livros. Entretanto, sempre que a docente chamava a atenção dos alunos por algum tipo de conversa ou barulho as crianças se calavam e ficavam estáticas.

As perguntas que a educadora procurava fazer ao decorrer da contação e histórias é uma atitude positiva em sala de aula, isto é, quanto ao objetivo de se valorizar e estimular a imaginação dos alunos. Em contrapartida, um ponto fraco é, pois o fato dela almejar com muito maior frequência respostas concretas, corretas e fechadas. E, por consequência, isso freia a imaginação dos educandos, principalmente quando a docente conforma-se com uma resposta correta e não procura ouvir os demais

educandos e nem valorizar aquelas respostas imaginativas já que, para a lógica da história, parece ser uma resposta errada ou sem sentido. A busca por resposta muito assertivas não favorece a imaginação, pois a imaginação é algo que não obedece nenhum tipo de regras. As perguntas que a professora fazia durante a contação de história em partes desencadeavam imaginações dos educandos, contudo até mesmo essas perguntas deveriam ter sido mais abertas, no sentido de exigir e propiciar ainda mais a imaginação dos estudantes. Nesse sentido, outro ponto fraco nas atitudes da professora está ligado aos momentos em que os alunos muitas vezes euforicamente se inquietavam para falar sua imaginação, porém a educadora não mostrava muito interesse, pois as falas vinham em momentos em que a docente detinha a fala principal sob a turma ou porque tais comentários traziam em si assuntos desconexos ao o que estava sendo discutido.

A atitude positiva que mais se destaca da docente é o fato de no final da história ela compôs um cenário imaginativo, solicitando até que os alunos fechassem os olhos. Isso é muito bom para as crianças, porém as imaginações teriam sido ainda mais variadas e amplas se a professora tivesse oferecido elementos imaginativos mais abertos, irreais, desafiadores, indagativos, etc., ou seja, elementos menos assertivos.

As imaginações mais expostas pelas crianças aparentemente tinham por base a própria história. Houve casos que a história lembrava algum episódio que o aluno já havia vivenciado como filmes, desenhos, etc. Houve também imaginações instigadas pela própria docente ao indagar seus alunos e ao incitá-los a imaginar. Assim como houve também imaginações que estava diretamente ligada à história como quando as crianças viam as ilustrações ou quando a docente lia algo intrigante.

5.1.1.2 Encontro II

A educadora iniciou o momento de contar história convidando todos os alunos que se assentarem no chão logo abaixo da lousa a fim de que eles pudessem escutar a história do dia. A história contada era sobre o descobrimento do Brasil e, apesar do distanciamento entre os tempos históricos, foi contada com o objetivo de criar um clima para a data comemorativa que estavam vivendo – o aniversário de Brasília. A

história que a professora leu para os educandos chama-se “Faz muito tempo” escrita por Ruth Rocha. O momento durou em torno de 60 minutos.

A docente iniciou a história perguntando aos alunos: “- O que tem na capa deste livro? E vocês já viram esse tipo de barco antes?”. Vários alunos responderam: “- Eu já vi um barco tia”; “- Eu também já e já andei de barco”; “- Esse tipo de barco eu nunca vi”. Até que um aluno disse: “- É uma caravela”. A professora complementou: “Isso mesmo, esse barco existiu há muito e muito tempo atrás, é um barco chamado caravela que funcionava na época do descobrimento do Brasil e hoje já não existe mais”. *Observa-se que a docente inicia já questionando os alunos a fim até de levá-los a participar. Nota-se que ela está sempre em busca de respostas, mas o imaginar que é o que se propõe à análise, não é buscado já que ela para de questionar assim que alguém responde o que é a figura.*

A docente começou a ler a história e os alunos olharam para ela atentamente. Vou falar aqui um resumo do que ela foi lendo e os comentários dos alunos. Pedrinho que amava o mar saía várias vezes para velejar com seu pai. O pai de Pedrinho contava diversas histórias para ele. Foi quando uma criança exclamou com a mão na testa como se estivesse pensando: “- Já dá para imaginar essas histórias!”. *Essa fala chama a atenção, pois se percebe que o aluno presta atenção e começa a entrar no mundo da fantasia enquanto a docente conta a história. Manifesta-se aqui uma das funções das histórias infantis que é de promover a fantasia. E já entusiasmado com o que imagina decide soltar a fala eufórica. Contudo, apesar da participação a docente não deu atenção e continuou a contar a história. Aqui a professora poderia ter aproveitado o espaço para a criança falar o que imaginou e não só ela, mas os demais alunos que também devem ter imaginado algo.*

A professora continuou: “- Pedrinho saía para navegar com seu pai e conhecia lugares diferentes e vivia muitas aventuras e não tinha medo de enfrentar nenhuma delas”. Foi quando uma criança pronunciou: “- Homem não tem medo de nada, só de barata” e começou a rir. *Aqui a criança interrompe a história para fazer esse comentário que pode ter sido influenciado por algum amigo ou parente que possui essa fala machista. Contudo o “[...] só de barata” pode expressar uma imaginação que o aluno forçou para fazer os outros colegas rirem.*

A educadora prosseguiu: “- Pedrinho saía em um grande barco que na verdade era chamado de caravela”. Mostrou para as crianças a imagem do livro. E uma criança disse: “- Já pensou se tivesse assim hoje?”. Outra criança indagou: “- Tia como

funcionavam as caravelas? Era com motor que nem os barcos de hoje?”. A docente respondeu às perguntas: “- Não são iguais aos barcos de hoje. O que fazia as caravelas andarem eram as velas”. Um aluno investigou: “- Tia o que são velas? Eram velas iguais as que agente tem hoje e usa quando a luz acaba?”. E a professora então respondeu mostrando no desenho as velas e explicando que funcionavam com o auxílio dos ventos. O educando aparentemente entendeu: “- Ah sim, eu pensei que fosse que nem aquelas velas que agente tem em casa”. E a docente foi contando a história. *Aqui é muito interessante notar que as crianças vão pensando junto com a história, vão imaginando as possibilidades a partir do que já conhecem. Mostrando que a imaginação vem a partir dos elementos da vivência da criança e nunca do nada.*

A história foi se encaminhando para o descobrimento do Brasil e para o encontro entre os índios e os homens brancos assim como, para as maravilhas de vegetação, frutos e animais encontrados aqui. Nesse momento uma aluna indagou: “- Arara fica falando?”. A docente não respondeu essa pergunta e seguiu a história. Uma aluna que estava bastante atenta na história comentou: “- Tia, eles vieram aqui no mesmo dia de hoje, dia 22”. E a docente respondeu parabenizando a aluna por estar atenta: “- Olhem só o que a colega comentou. Ela falou comigo: - Tia, eles vieram aqui na mesma data de hoje, deu para ver que ela está muito atenta, parabéns! E é isto mesmo, eles vieram aqui na mesma data de hoje só que há 513 anos”.

Após esses momentos a história terminou, mas como era uma reportagem de uma revista, não foi lida toda por ser grande. Além desses alunos, outros educandos foram durante a história comentando com seus colegas em secreto, mas não para a turma toda ouvir.

A educadora iniciou a fase de finalização da história, o momento em que comentou e dialogou com os alunos sobre o que ocorreu na história. Ela indagou: “- A Ruth Rocha contou isso para agente, mas deve ter fatos verdadeiros nessa história não tem?”. A maioria dos estudantes responderam que sim. Alguns alunos disseram: “- A Índia existe”, “- A caravela existiu”, “- O Pedro Álvares Cabral que descobriu o Brasil também existiu”. *A história escolhida continha elementos da realidade e alguns elementos imaginários, mas o que predomina é a realidade, algo diferente da história contado da Observação I e, talvez isso contribua para o fato de que as crianças expressaram menos suas imaginações nessa história.*

Uma estudante questionou também: “- Tia, 2013 é antes de 513 ou ainda vai vir?”. A docente respondeu explicando as questões numéricas: “- 1500 é mais de 2013”

e vai explicando melhor para a aluna a diferença entre os números para ela poder compreender. *Aqui temos que a história acabou puxando o planejamento para o ensino dos conteúdos curriculares.*

Um aluno interrogou: “- Pedro Alvares Cabral está vivo?” e a professora respondeu: “- Só se ele fosse imortal”. O que gerou ainda outra pergunta de uma aluna: “- Tia o que é imortal?”. E a docente esclareceu: “Imortal é aquela pessoa que vive para sempre, que não morre, e para ele existir só se ele fosse imortal mesmo porque já faz muito tempo”. *Se o buscado é trabalhar a imaginação, esse espaço poderia ter sido mais bem elaborado já que na imaginação tudo é possível. A docente poderia ter explicado o lado real e o lado imaginário do acontecimento o que provavelmente levaria a falas com conteúdos bastante imaginários e, ainda que a criança não falasse ela imaginaria algo significativo para ela.*

A educadora continuou indagando para a turma: “- Essa história fala sobre o que aconteceu no nosso país?”. A turma respondeu que sim. A docente continuou explicando que quem usava a caravela era o Pedro Alvares Cabral. Um aluno perguntou: “- Tia, quando?”. A docente objetou: “- Em 1500”.

As perguntas continuaram na medida em que a professora ia encaminhando o assunto: “- Tia quem inventou Brasília?”, “- Quem foi Dom Bosco?”. Ela ia esclarecendo as perguntas que iam surgindo dos alunos.

Mais uma vez um dos pontos fortes da postura da educadora quanto ao objetivo de instigar e estimular a imaginação dos alunos foram as perguntas que ela frequentemente fazia. Logo no início da história ela fez perguntas aliadas às ilustrações do livro. As ilustrações também ajudam muito na composição de um cenário imaginativo que é importante para a construção da imaginação. No entanto, muitos comentários e até dúvidas que os alunos expunham sobre a veracidade dos objetos que compunham a história, poderiam ter sido mais bem aproveitados para explorar a imaginação das crianças ao invés de simplesmente dar ao aluno a resposta correta.

As imaginações que se mostraram mais frequentes aqui foram as imaginações relacionadas a elementos que a história trazia aos alunos. Como a história traz bastantes elementos da realidade e conta uma história real sobre o descobrimento do Brasil, nota-se aqui que as imaginações estão ajudando a nas compreensões acerca dos conteúdos curriculares.

5.1.1.3 Encontro III

A docente da turma preparou os alunos da classe para que ela viesse a contar a história do dia. Convidou os alunos que se achem parte a frente da sala de aula e se assentem no chão para ouvir a história. O que a educadora leu neste dia não foi uma história infantil e sim parte de um texto informativo presente na Revista Recreio, a atividade durou aproximadamente 80 minutos.

Ela iniciou perguntando: “- Alguém aqui já ouviu falar da Revista Recreio?”. Apenas um aluno disse que conhecia a revista. A docente explicou: “- Nessa revista tem textos informativos, o que significa ser um texto informativo? Quem sabe o que é um texto informativo?”. Uma aluna respondeu: “- É um texto que informa”. A professora bem satisfeita confirmou a resposta da estudante e elucidou: “- Os textos informativos são os textos que não contam uma história como nós somos acostumados a ouvir aqui, histórias da cinderela e ou contos e mitos, mas são textos que mostram acontecimentos verdadeiros e que costumam informar o leitor. Então o que eu vou ler não é uma história!”. Uma aluna indagou: “- É um poema?”. A professora objetou: “- Não é um poema. É um fato, uma informação. Porque hoje é um dia especial, é o dia.. que dia é hoje?”. Uma aluna falou: “- É o dia do índio”. A educadora afirmou que era o dia do índio. *Compreende-se que a história escolhida para o dia, intencionalmente, não era uma história que tinha o objetivo inicial de promover fantasia, imaginação, lições ou valores, mas estritamente informar e ensinar os conteúdos curriculares.*

A docente continuou: “- Então eu vou ler um texto dessa revista Pesquisa Escolar Recreio, é uma reportagem bem grande então na verdade só vou ler uma parte. Mas antes, quem viu televisão ontem? Vocês viram que o índio invadiu o palácio do Planalto?”. Vários alunos responderam juntos: “- Eu vi tia”, “- Eu assisti Carrossel”. A docente continuou “- Porque que eles invadiram?”. Os estudantes não souberam responder, então a professora explicou o motivo e começou a tocar no assunto do texto que iria ler. Ela foi falando que desde o descobrimento do Brasil, houve um confronto entre os homens brancos e os indígenas. Porque os índios viviam na floresta em aldeias e explicou um pouco sobre como os índios viviam e do estranhamento que houve quando os dois se encontraram. Com as explicações aumentaram as perguntas dos educandos: “- Os índios vivem em casa tia?”. Esse questionamento um aluno respondeu ao próprio colega: “- Não eles vivem em ocas, eu vi na televisão o documentário sobre

os índios”. E docente afirmou. Um educando inquiriu: “- Os índios comiam o que tia?”. A educadora foi explicando o que eles comiam e algumas alunas participavam da conversa falando mais sobre o que os índios comiam.

No momento descrito acima poderia ter sido feito um trabalho voltado para a imaginação, a docente poderia ter aberto o espaço para tal, mas por acreditar que o texto informativo não abre espaço para tal, ela mesma não quis assim fazê-lo. O ambiente para a imaginação poderia ter sido instaurado pela simples iniciativa de repetir talvez a atividade da Observação I, pedido que os alunos fechassem os olhos e imaginassem como deveria ser o país na época antes do descobrimento do Brasil e depois pedir que os alunos relatassem o viram em forma de teatro, desenho ou de outra forma. Ou seja, independente do texto, vai depender da postura do professor e de como ele enxerga o papel da imaginação, pois nota-se que aqui o conteúdo curricular foi tratado o tempo todo na história de maneira assertiva e essa aparentemente foi a única preocupação durante toda a história.

Uma educanda levantou a mão e esperou a atenção da docente para falar, quando atendida articulou: “- Eu já vi na minha sala no ano passado o menino que trouxe para sala uma semente que os índios pintavam rosto, aí ela colocava na mão assim (mostra o gesto de uma mão esfregando na outra) e a mão dele ficava vermelha”. A docente destacou a participação da aluna: “- Olha só o que a colega está falando. Ela disse que ano passado levaram para a sala dela a semente usada pelos índios para pintar o rosto. Os índios pintavam o rosto com sementes para fazer pinturas que são próprias da cultura deles”. Um estudante proferiu: “- Eu sei tia, eu sei, eu vi no documentário!”. Outra aluna falou: “- É semente de árvore que eles usam para pintar o rosto eu também já vi uma vez na televisão isso”. Neste momento a professora explicou: “- Eles usam o urucum para pintar o rosto, o urucum é uma semente muito usada e, ainda mais pelos índios”. Outra aluna também indagou: “- Onde os índios estudam?”. A educadora explanou: “- Eles estudam em escolas”. Uma criança exclamou: “- Mas na aldeia não tem escola, para onde eles vão então?”. A docente terminou de responder: “- Hoje em dia algumas aldeias já possuem escolas e muitos índios aprendem lá mesmo, aprendem o português e aprendem o idioma falado na aldeia que ele vive, pois entre os índios existem muitos idiomas diferentes.” Uma estudante discorreu: “- É existe o inglês, o espanhol.”. A professora esclareceu: “- Não é o inglês e o espanhol, mas é como se fosse um idioma assim. É uma língua diferente falada só entre eles, é uma língua própria dos indígenas”.

A docente continuou lendo o texto informativo até ter terminado as perguntas acima que se deram ao decorrer da leitura do texto. Após a professora ter terminado de ler o texto da revista ela continuou a conversar com seus alunos e novamente surgiram mais perguntas e comentários dos alunos. A educadora falou: “- Então hoje é o dia do índio e muitas pessoas não sabem muitas coisas sobre os índios, mas nós devemos amar e valorizar os índios. Os índios cuidam da natureza, não maltratam os animais, pegam mandioca para fazer farinha”. Um educando perguntou: “- Tia, como eles fazem farinha?”. A professora respondeu: “eles sabem fazer”.

A docente deu continuidade ao debate, ela questionou: “- Então o texto é um conto de fadas cheio de imaginações?”. Os alunos responderam que não. Ela prosseguiu: “- Ele estava trazendo o que?”. Os estudantes responderam: “- O índio”, “- Informação”. A educadora: “- Isso, o texto trazia informações sobre os índios, se o texto trazia informação, então ele é um texto?”. “- Informativo”, - uma aluna respondeu. A professora finalizou mostrando as figuras da revista, pois foi combinado que no final da leitura ela iria mostrar as figuras para todos verem.

Uma aluna levantou a mão para falar e articulou: “- Tia meu pai fica derrubando as plantas que eu faço”. Um aluno levantou também a mão e pediu a vez para falar: “- Tia perto da minha casa que é lá no meio do mato, dizem que tem índio”. A docente retrucou: “- Sim, em muitos lugares do Brasil têm índios, lugares distantes das cidades principalmente. Vocês viram que estava expulsando os índios daquela reserva aqui em Brasília para construir o Setor Noroeste. Então tem índio sim e em vários lugares, só que hoje em dia é bem menos que do que existia antes no descobrimento do Brasil. Então no caso do Setor Noroeste, você viu que os índios não queriam deixar os homens destruírem as árvores para fazerem prédios porque se não ia destruir toda aquela área”. Uma educanda disse: “- E também, a mãe natureza fica triste com a agente?”. A docente disse que sim. Um aluno investigou: “- A mãe natureza existe de verdade?”. A educadora esclareceu: “- Bem, a mãe natureza é o nome que se dá para toda a natureza, as árvores, tudo que é a natureza e, como ela dá tudo para a gente e nós temos que cuidar dela, nós a chamamos de mãe natureza”. Outra estudante levantou a mão para fazer uma pergunta: “- É verdade que as plantas ajudam a purificar nosso ar?”. A professora respondeu: “- É sim, as plantas ajudam sim a limpar o nosso ar, principalmente as árvores e as algas que são plantas que ficam no mar”.

A docente decidiu dar um fim nas conversas por causa do tempo que já havia se estendido demais. Ela falou ainda aos alunos que deixaria a revista na mesa

dela e quando os estudantes quisessem, poderiam pegar para ler, porém teriam que ter o cuidado para não estragar a revista. E, o momento de contar histórias terminou.

A educadora escolheu um livro com o objetivo de ensinar conteúdos científicos. Isso não proibido, mas melhor seria se o livro fosse usado com o único objetivo de promover a imaginação e a ludicidade. Nota-se que a docente não tem um trabalho intencional em promover imaginação, pois seu objetivo geral não foi esse. Desta forma, isso pode ser considerado como um aspecto negativo quando se relaciona ao objetivo primordial de promover a imaginação, já que durante a contação não houve atitudes intencionais da educadora que mostrem o interesse em levar o aluno a imaginar. Entretanto, como relatado na análise, mesmo que o texto seja informativo, como no caso, o docente pode promover um espaço imaginativo, basta querer e saber assim fazê-lo.

As crianças expressavam mais suas imaginações quando tinham alguma dúvida sobre os acontecimentos do texto lido. Quando isso acontecia, aparentemente, as crianças imaginavam tentando descobrir a realidade dos fatos. Entretanto, observa-se que as expressões imaginativas são bem minoritárias nesse texto quando comparada, por exemplo, ao Encontro I que era uma narrativa diferente no sentido de ter de compor um enredo imaginativo e, a professora ainda procurou instigar a imaginação com questionamentos. Neste Encontro III, as imaginações das crianças em sua grande maioria estavam ligadas aos índios, ao modo de sobrevivência dos nativos, que faziam as crianças lembrarem de acontecimentos que vivenciaram pela TV, por amigos próximos, por familiares, etc. Falando em outras palavras, as imaginações estavam ligadas a elementos do texto lido, ou seja, o texto ia propiciando elementos que faziam as crianças recordar e imaginar.

5.2 ETAPA II

Conforme foi explicitado na metodologia, a Etapa II abrange a contação de uma história infantil pela pesquisadora, a solicitação da criação de um final diferente para a narrativa e, a posterior apresentação. A maneira de apresentação era livre. Para participarem desta etapa foram escolhidas 4 crianças. A história contada foi “A floresta” escrita da autora Claire A. Nivola. O episódio durou 1 hora e 30 minutos e foi realizado no pátio da escola. As análises estão destacadas em *itálico*.

5.2.1 Observação da imaginação criativa

A história foi iniciada mostrando a capa do livro. A pesquisadora indagou: “- Olhando assim a capa, o que vocês imaginam sobre o que esse livro irá tratar?”. Os alunos disseram que era sobre uma floresta conforme o nome escrito na capa. Houve um aluno que falou a respeito do ratinho que aparecia na capa.

A história narra a aventura de um ratinho personificado que leva a vida em uma casa na cidade. Perto da cidade existe uma floresta no qual ele tinha a curiosidade em conhecer, porém nunca havia ido porque tinha medo de visitar. Até que um dia ele decidiu vencer o medo e foi conhecer a floresta. Lá ele viveu algumas aventuras. Depois de ter conhecido a floresta, o ratinho avistou sua casa de longe no horizonte e, decidiu voltar. A história acaba assim.

A história ia sendo contada e os alunos iam comentando no momento em que iam escutando a história e vendo as imagens do livro. Os comentários não foram apresentados, pois esse não é o objetivo desta etapa.

Depois que os alunos terminaram de ouvir as histórias, a pesquisadora solicitou que eles imaginassem um final diferente e apresentassem posteriormente. Foi dado um tempo de 40 minutos para os alunos criarem o final almejado. No final do tempo os alunos se encaminharam para um palco ainda no pátio da escola e iniciaram suas apresentações.

O aluno Davi decidiu apresentar oralmente o final que havia criado. Para isso ficou em pé e parado no palco enquanto contava sua criação. Este foi o final que

criou: “- O ratinho estava nadando e ele se afogou. Veio uma pessoa e ajudou ele. Ele foi para casa. Quando ele acordou ele foi para a floresta e comeu uma uva e voltou a dormir. Foi para casa dele e dormiu, ele levou uma queda da cama, mas deitou de novo na cama.”. *A imaginação criativa desse aluno apresenta uma cronologia semelhante a da história contada. Não são os mesmos acontecimentos, mas a compõe uma ordem semelhante de acontecimentos.*

O aluno Carlos decidiu apresentar em forma de encenação e fez inclusive uma máscara de papel que representava os personagens. O aluno contava enquanto fazia movimentos com os braços e andava sobre o palco. Este foi o final criado: “- Eu pensei: O ratinho estava andando e cansou. Aí veio um animal e deu um susto nele. E aí ele pensou eu vou construir uma casinha. E andou, andou, e andou até que chegou perto de um rio. Fez a casa e pensou ‘- eu vou ficar com fome’. E aí ele pensou, pensou ‘- esse é um riacho eu vou pescar’. E acabou esse é o final feliz.”. *Observa-se que a imaginação criativa desse aluno apresenta vários elementos que se enquadram com a cronologia da história contada.*

A aluna Thainá apresentou falando oralmente enquanto segurava nas mãos o desenho que havia feito para ilustrar o final diferente que havia criado. Ela contou: “- Agente pode cuidar da natureza igual ele (o ratinho) cuidou e também ajudar a natureza. Tem que ter coragem, porque se agente não tiver coragem agente não vai fazer nada e, a natureza é a nossa amiga”. *Essa criança foi além da história e provavelmente deve ter lembrando-se dos conteúdos científicos já ensinados pela docente da turma ou de alguma outra fonte que teve contato, já que na história o ratinho não procura defender a natureza, mas também não a depreda. Contudo, quanto a coragem na qual ela se refere está diretamente relacionada a coragem do ratinho em desbravar os perigos da floresta. No caso, a Thainá mesclou elementos que já sabia com os elementos da história que escutou. Logo, compreende-se que ela imaginou. E, pode-se afirmar que ela também imaginou criativamente pelo menos ao seu ponto de vista.*

A aluna Mônica decidiu criar uma poesia contando o final diferente que criou. Ela leu sua poesia em voz alta para os colegas:

“- As árvores são grandes e o caminho é puro ar.

As flores estão cheirosas como a brisa do mar.

A grama é verde e o sol ensolará cada dia é bem melhor tá na hora de brincar.

A escola é o poder que nos ensinou a aprender.”

O poema da Mônica chama a atenção até para a preocupação da composição de rimas. O poema é também uma forma de imaginação criativa exteriorizada. No caso de Mônica, a chance de tal poema ter sido uma imaginação criativa é muito maior, pode-se considerar que foi sim uma imaginação criativa, pois além de apresentar elementos da história que ouviu, o poema foi a exteriorização da imaginação, logo, o imaginar criativo.

Observa-se que todos decidiram representar de uma maneira diferente entre si. Enquanto um optou por encenar outro decidiu expor verbalmente sem muitas delongas, já outra decidiu além de expor verbalmente fazer ainda um desenho representando graficamente sua ideia e, por fim outra criança decidiu criar uma narrativa literária. Ou seja, os alunos exteriorizaram suas imaginações com auxílio de algo mais que também contribui para a imaginação das crianças, como o desenho, o a encenação, a criação da narrativa literária que não deixa de ser uma criação artística.

Nota-se que todos os alunos procuraram criar um final diferente ligado ao tema principal que é a floresta. Não houve alunos que expandissem mais a imaginação para temas totalmente desconexos. No caso, mostra que a imaginação criativa desses alunos teve uma base forte na história, os elementos apresentados na história serviram de direção para os alunos criarem.

Se a análise for direcionada ao conceito de criatividade apresentado na monografia Martínéz (2008), observa-se que as criações dos alunos não seriam criações novas e de valor para um público adulto e com maior bagagem teórica, contudo é provável, que assim foram para seus criadores e, quiçá também para seus colegas que usufruíram do prazer de assistir as apresentações. Ademais, a maneira como exteriorizaram suas imaginações e deram vida a elas em forma de desenho, encenação e poesia conforme Vigotsky (2009), caracteriza-se uma imaginação criativa.

5.3 ETAPA III

5.3.1 Roda de conversas

Essa atividade foi criada com o objetivo de escutar dos alunos suas impressões sobre a imaginação. Foi então realizada uma roda de conversas conforme foi explicitado na metodologia. A conversa durou 15 minutos e seguiu o roteiro preparado com antecedência. A conversa está transcrita e, as análises estão destacadas em *itálico*.

Vocês gostam de Imaginar?

A pesquisadora perguntou às crianças: “- Vocês gostam de imaginar?”

Davi disse a Carlos: “- Sabia que eu imagino você sentado num pônei sorrindo”.

Carlos respondeu a pergunta dizendo: “Eu gosto de imaginar pônei.”. *Observa-se que a resposta de Carlos pode ter sido influenciada por Davi quanto esse inicia falando sobre os pôneis.*

Davi continuou respondendo: “- Eu gosto de imaginar um monte de coisa! Gosto de imaginar que estou na Bahia do chocolate.”. Carlos exclamou: “-Bahia do chocolate! E isso lá existe?”. Davi replicou: “- Existe não, só na minha imaginação! Aí tem um boi esquisito lá que fica tomando chocolate com leite.”. E parou de falar sobre a Bahia do Chocolate. Da fala de Davi é possível perceber alguns aspectos. *Observa-se que a imaginação expressada pelo aluno foi bastante fértil dotada de acontecimentos irrealis. Em análise, a imaginação sobre a Bahia do Chocolate, pode ter alguma relação com o filme Fábrica de Chocolates. A maioria das crianças gostam desse filme e seria possível que Davi tenha guardado em sua mente tais ideias e imagens que viu no filme e esteja usando para recriar e expandir ainda mais sua imaginação, ou seja, imaginou. Independente se o aluno assistiu ou não o filme Fábrica de Chocolates, o aluno praticou aí imaginação e, mostra ainda que ele não ficou só na Bahia do Chocolate ou só restrito ao filme Fábrica de Chocolate, mas é claramente visto que ele vai além falando a respeito do boi esquisito.*

Mônica respondeu eufórica: “- Eu adoro imaginar minha casa na árvore”. Depois complementou: “- Eu gosto de imaginar que sou uma tenista e que tenho uma

bola dourada e, sempre quando eu jogo ela (a bola) vai bem rápido e eu faço muitos pontos.”. *Em análise, a imaginação para Mônica representa ser, fazer e ter coisas que ela não pode na realidade, mas que gostaria que existisse realmente. Tudo indica que a imaginação foi construída a partir de meios que mostraram a existência, por exemplo, da casa na árvore. Tais meios podem ser o desenho animado, os filmes, esportes, o contato com amigos e parentes, etc. Fica claro que essa criança gosta de imaginar e, é possível afirmar também que ela se diverte fazendo isso, pois imagina e brinca ao mesmo tempo.*

Thainá respondeu a pergunta dizendo: “- Eu gosto de imaginar ter um neném.”. A pesquisadora pergunta: “- Ter um neném?”. Thainá explica: “- Minha mãe estava grávida só que ela perdeu (o neném). De tanto eu pedir: ‘Mãe eu quero um neném, eu quero um neném!’, ela foi fazer o teste de gravidez e deu negativo e depois ela fez outro teste que deu positivo. Mas aí ela perdeu o neném. Eu queria ter um irmãozinho.”. *Nesse relato, observa-se que o acontecimento que acometeu a família de Thainá marcou emocionalmente a criança. Tal experiência estará marcada no cérebro da criança e interagindo com outras imagens mentais que a criança possui (VIGOTSKY, 2009). A prova é que a criança mescla o desejo de ter um irmãozinho, com o desejo da maioria das meninas, que é de ter um neném na brincadeira de faz de conta.*

Porque vocês gostam de imaginar?

A pesquisadora perguntou aos educandos: “- Porque vocês gostam de imaginar?”.

Carlos falou: “- Porque é muito bom. Eu gosto de sonhar mais do que imaginar.”. Aí Davi interrompe a fala de Carlos e expõe o pensa. Depois Carlos acrescenta a sua resposta: “- Porque agente pode pensar em coisas que podem existir, que não. E é muito legal fazer isso.”. Davi concorda: “- Ele falou sério!”. As meninas acham graça.

Davi respondeu: “- Porque é muito bom, porque fico imaginando um montão de coisa boa. É tão bom! Imaginar é bom de mais. Ainda bem que nós podemos imaginar, porque sem a imaginação a nossa vida seria muito ruim. Ainda bem que podemos imaginar, senão seriam só as outras coisas. Sem imaginar é ruim demais. Eu não poderia imaginar a Bahia do Chocolate, comer um suco e, fazer um montão de coisas assim engraçadas.” *A fala de Davi demonstra sua felicidade pela existência da*

imaginação. Percebe-se que ele vê a imaginação como um 'lugar' maravilhoso, no qual o tudo que ele quiser é possível, 'lugar' da felicidade, da brincadeira, etc.

Mônica respondeu: “- Eu gosto de imaginar porque aqui tem regras, mas na imaginação não tem nenhuma e, a gente pode fazer o que quiser quando imagina.”. *Essa criança concebe a imaginação como o “lugar” no qual definitivamente tudo pode acontecer e ninguém pode impedir, pois tudo é plausível.*

Thainá respondeu: “- Porque é bom ler livro. Porque é bom ler e, quanto mais a gente ler livro mais a gente pode imaginar mais.”. *Essa criança já liga a imaginação ao fato da leitura de livros. Provavelmente, ela quando lê deve ter constantes experiências com sua imaginação, pois veio a lembrar dos livros quando foi questionada se gosta de imaginar.*

Quando é que vocês imaginam?

A pesquisadora perguntou: “- Quando é que vocês imaginam?”

Carlos falou: “- Quando eu estou dormindo.”. A pesquisadora rebateu: “- Mas aí você está sonhando.”. Carlos disse: “- Porque eu consigo sonhar.”. *Essa criança ligou a imaginação ao sonho. O momento de liberdade imaginativa para ele ocorre durante o sono.*

Davi responde: “- Quando eu estou brincando. Eu estou sozinho imagino alguma coisa e fico feliz.”. Percebe-se que essa criança gosta de imaginar quando está sem nada para fazer, quando está sozinha como ela disse. *Entende-se também que tal criança relaciona imaginação à felicidade, provavelmente por se sentir feliz quando imagina.*

Mônica fala: “- Quando eu passo por uma aventura em um lugar, mesmo em um zoológico, eu imagino ‘qualquer coisa que tem lá’. Que eu sou amigo dos animais e eles vão sair da gaiola. Eu gosto de imaginar quando estou me aventurando.”. *Essa criança aparentemente imagina sempre que tem a oportunidade de viver algo diferente na sua rotina. A imaginação parece moldar suas brincadeiras, ao mesmo tempo em que deixa suas experiências, suas aventuras como ela fala, ainda mais divertidas.*

Thainá responde: “- Eu imagino sempre na quarta-feira porque na quarta-feira eu imagino melhor. Agora eu estou conseguindo imaginar na quinta-feira porque a cada dia quinta-feira eu fico mais feliz. Aí tem hora que eu choro que eu também imagino. Eu me tranco dentro do meu quarto, e fico jogando no meu celular como se eu estivesse lá dentro do celular jogando.”. *A fala da Thainá é muito interessante, pois ela*

começa falando primeiro dos dias nos quais ela imagina, ou seja, há dias determinados para tal. Logo em seguida ela revela o motivo pelo qual escolhe dias. Aparentemente, os dias que ela imagina são dias em que ela está feliz. Posteriormente, ela fala que também se imagina dentro do celular jogando e, no caso, a imaginação é atrelada a ao jogo, a brincadeira. Conclui-se assim que a imaginação para ela está ligada a felicidade.

Vocês falam o que você imaginam?

A pesquisadora indagou: “- Vocês falam o que você imaginam?”.

Mônica fala: “- Eu falo com minha imaginação, com meu amigo imaginário.”. Nesse momento Davi começa a ficar apontando o dedo para todos que estão lá pergunta à Mônica se o amigo imaginário dela era alguém que estava presente na sala. Mônica responde: “Não, não é ninguém aqui. Minha amiga imaginária é a Júlia. Eu vejo a Júlia bem na minha frente, só que ninguém vê. Cada vez que eu abro a porta e, continuo falando sem perceber a minha mãe (sem notar a presença da mãe no quarto), a minha mãe pergunta com quem que eu estou falando. Eu digo que é com a minha amiga. E ela fala que não tem ninguém lá. Eu brinco com ela (a amiga imaginária), mas quando eu jogo uma bola no chão ela não pega!”. *Essa criança já relata um caso diferente, pois diz revelar sua imaginação para seu amigo imaginário.*

Eu perguntei a fim de saber mais: Ninguém fala para a mãe ou para o pai?

Todos responderam: “- Não eu não.”.

Thainá respondeu: “- Eu também tenho uma amiga imaginária e o nome dela também é Julia. Eu vejo ela aí eu brinco com ela. Tem hora que eu estou conversando e minha mãe fala: “Com quem você está conversando?”. Eu falo que é com minha amiga imaginaria . Mas minha mãe fala: “Mas não tem ninguém aqui!”. *Muito provavelmente essa criança imitou a primeira, pois os relatos são praticamente iguais.*

Carlos diz: “- Eu não falo, eu falo para mim mesmo.”. *Observa-se que as crianças preferem guardar para si suas imaginações à falarem para alguém. O que pode ser por medo de repreensão, desprezo, vergonha, etc. Contudo, em muitos casos, os adultos não são interessados em ouvir.*

Onde vocês imaginam mais?

A pesquisadora perguntou: “- Onde vocês imaginam mais?”.

Davi respondeu dizendo: “- Em casa porque em casa eu não fico estudando e nem brincando. Eu tenho mais tempo livre.”. *Percebe-se que essa criança identificou sua casa como o local que possui maior liberdade para imaginar, porque esse local é um lugar em que ele consegue se sentir a vontade, com tempo livre. Em análise, se desejamos que as crianças imaginem mais nas escolas, é necessário fazê-la se sentir como se estivessem em suas casas, como um lugar que também pertence a ela e não só de quem determina as regras. Contudo, muita das vezes as regras impostas são tão grandes que os alunos se sentem congelados e impedidos de mostrar aquilo que verdadeiramente são.*

“Carlos respondeu: “- No parque, mas não é aqui na escola é em outro lugar, outro parque.”. Outro relato interessante que também está relacionado a análise do relato de Davi. *Observa-se que ele diz conseguir imaginar mais no parquinho de outro lugar do que dentro da própria escola que é local propício para educação intencional. Logo, observa-se a existência de algum empecilho.*

Davi fala mais: “- Quando eu estou sozinho eu fico imaginando que eu estou em um cavalo que voa. Ele fica voando, voando e, quase foi atropelado por um avião, mas ainda bem que não foi.”. *Davi mostra em sua fala a imaginação totalmente livre de regras ou impedimentos. Mesmo sem ser solicitado, ele fala a respeito de suas imaginações. Isso ocorreu porque foi criado um espaço confiável para essas crianças e elas perceberam que podiam imaginar que não iria haver quem as freassem.*

Mônica disse: “Na casa da minha avô.”. A pesquisadora perguntou: “- Por que na casa da sua avô?”. Mônica respondeu: “- Perto tem um rio e eu imagino que sou uma seria que salva todos os animais.”. *A Mônica mostra que o contexto o qual está influencia fortemente em suas imaginações. E, suas imaginações, vão direcionando as brincadeiras.*

Thainá falou: “- Eu imagino em todo lugar até no shopping. Até quando eu estou comendo sorvete, eu imagino que sou bem pequeninha; imagino que sou uma fabrica de sorvete e eu como todos os sorvetes deliciosos. Eu fico imaginando também no parque quando eu estou com minha amiga.”. *A Thainá mostra que o contexto é um lugar diferente e ligado a algo que ela goste.*

Aqui na sala vocês imaginam?

A pesquisadora fez outra pergunta: “- Aqui na sala você imaginam?”.

Carlos disse definido: “- Não”. A pesquisadora perguntou: “- Por que não?”. Carlos respondeu: “Não porque eu tenho que pensar em um motão de coisas, e não dá tempo em nenhum momento.”. *Carlos mostra o motivo pelo qual não imagina, argumentando que não dá tempo de imaginar em sala de aula, pois provavelmente, tudo que ele tem que pensar é sobre as atividades que envolvem conteúdos científicos. Deste modo, fica claro que todo o divertimento que esses alunos encontram na imaginação, são posto de lado quando se fala dos conteúdos científicos. Observa-se que não há união um com o outro. E isso é um problema.*

Davi falou: “- Sim, eu imagino quando eu não estou fazendo nada. Quando a turma fica fazendo dever e todo mundo fica fazendo barulho. Eu fico assim imaginado: ‘Será que isso aí vai parar logo?’. E aconteceu até um dia que a Maria veio e falou assim: ‘Porque você está de jeito?’. Eu disse: ‘-Eu estou imaginado se isso aí vai acabar porque está parecendo uma guerra mundial?’.” *Davi manifesta seu enfado ao contar relatos dos momentos que imagina na sala de aula. Percebe-se que sua imaginação ocorre quando há tempo livre para pensar. Em síntese, é importante salientar que muitas vezes os alunos fazem tantas tarefas em um só dia que não conseguem ter um tempo para descanso, para imaginação que visivelmente é um processo importante e, que agrada muito aos estudantes.*

Mônica disse: “Eu imagino lá o parquinho”. *Mais uma vez, as expressões de imaginação que essa criança lembra ter são fora da sala de aula, apesar de que dessa vez, ser ainda dentro da escola.*

A pesquisadora perguntou novamente querendo reforçar a pergunta a todos: “- E aqui na sala vocês não tem liberdade para imaginar?”. Algumas crianças responderam:

Davi disse: “- Não, porque a gente faz dever, quando nós queremos ir beber água ela não deixa. Ela só deixa na hora que quer.”. *Mais uma vez a resposta foi confirmada e, agora, por outro aluno. Os educandos são inteirados em uma rotina de atividades e exercícios que induzem aprendizagem de conteúdos científicos, mas o tempo para atividades livres fica escasso. Além do mais, existem docentes que não gostam de atividades livres, pois estas deixam os alunos mais agitados.*

Mônica falou: “- Eu tenho liberdade para imaginar festa junina, eu tenho liberdade para ficar quem nem aquele homem assim (pensando)”. *Essa educanda disse que a liberdade que ela tem é para os temas citados. A Festa Junina havia ocorrido na escola há cinco dias. Foi um momento lúdico e de criação, já que os alunos se*

reuniram para enfeitar a sala de aula e isso dá um pouco mais de liberdade aos estudantes e, também acaba sendo muito prazeroso.

Durante a conversa em todo o momento os alunos procuravam imaginar, não só sobre imaginações antigas das quais estavam sendo questionados, mas também procuravam brincar de repórter como se fossem os entrevistadores, buscavam realizar imaginações repentinas a fim de responderem as perguntas da pesquisadora, brincavam com a cadeira como se ela fosse um brinquedo. Contudo, essas tentativas foram identificadas e não foram transcritas, pois objetivo era colher respostas para as perguntas que abrangessem os objetivos principais da pesquisa. Mesmo assim, é importante relatar que a criança está constantemente imaginando, pois isso faz parte de sua vida.

Nos casos estudados foi possível observar o que Vigotsky (2009) determinou ser a fundamental constituidora da imaginação que é a experiência humana. As imaginações expressas no momento da conversa sinalizaram pistas de experiências acometidas anteriormente e que agiam induzindo novas imaginações. Assim sendo, experiências antigas ofertaram arcações suficientes para a promoção de uma nova imaginação. No caso, as prováveis experiências que conservaram imagens talvez tenham sido desenhos animados, filmes, parentes ou amigos, etc. O caso da garota Thainá e de sua resposta na pergunta “Vocês gostam de imaginar?”, a experiência que ela teve não necessariamente rendeu lembranças positivas, porém ainda assim se manifestavam em suas imaginações no instante da conversa.

A imaginação é vista como um “lugar” no qual tudo se torna possível, em que todas as coisas boas acontecem juntas, basta existir o querer. Assim sendo, é entendida também como algo totalmente sem regras e extremamente divertido, pois tudo que não se pode fazer na vida real por causa de algum impedimento, lá na imaginação, eles sabem que irão poder. As crianças costumam vincular a imaginação à felicidade, à algo prazeroso. Deste modo, o momento propício que escolhem para imaginar é o momento em que se sentem felizes ou o momento em que desejam se sentir felizes por meio da exploração de seu próprio imaginário. Com efeito, a imaginação está ligada a algo bom e que é usada até como fuga da realidade entediante, da tristeza e da monotonia. Compreende-se também que se crianças aproveitam as condições externas para imaginar situações, cenários, brinquedos.

Foi identificado que as crianças preferem guardar suas imaginações para si, não divulgando para ninguém. Um possível motivo que justifique essa atitude é o fato

de que os adultos, em sua maioria, não priorizam a fala da criança e não gostam de dar ouvidos ao que elas dizem, pois acreditam serem sem importância. Em consonância, essas crianças vão se sentindo intimidadas, amedrontadas, reprimidas. Os colegas também podem funcionar como barreiras para a imaginação, na medida em que tentam procurar razões lógicas nas imaginações expostas e começam a questionar as imaginações dos colegas. Quando posta nessa situação de confronto, a criança que imagina ou tende a interromper sua imaginação concordando que seu pensamento não faz sentido ou assume firmemente sua posição justificando que tudo é possível na imaginação.

Em relação à inserção da imaginação na escola, em análise foi identificado que a escola não aparece na lista dos locais prediletos para imaginar. Quando foi perguntado o local o qual elas gostavam de imaginar, todos os lugares eram ambientes em que elas se sentissem bem, acolhidas, livres de regras e impedimentos seja por meio de algum parente, professor. Levando essa descoberta em consideração, a necessidade de transformar a escola em um ambiente que inspire confiança, num local acolhedor e, defensor da imaginação e da liberdade de expressão. Outro aspecto observado emergido das falas das crianças prediz que os docentes façam uma análise de suas aulas. Os alunos dizem que são tantas tarefas e exercícios que não sobra tempo para imaginar a não ser, quando encontram um tempo livre na aula. É importante que os professores estejam atentos para como tem sido o formato de suas aulas, pois muitas vezes, pela obrigação de cumprir currículos determinados, fazem com que os alunos acompanhem um ritmo que vai muito além do que eles conseguem administrar e, isso pode até atrapalhar o aprendizado dos alunos.

É por isso que espaços destinados exclusivamente ao exercício da imaginação são importantes, pois os alunos necessitam desses momentos. Habitualmente o dia a dia da sala de aula prioriza muito mais a aprendizagem dos conteúdos científicos e, se o docente não separar um momento exclusivo para trabalhar questões subjetivas dos alunos quem perde mais são os educandos. Atividades tais como a cotação de histórias, brincadeiras e jogos, roda de conversa como a que foi feita, o desenho, o teatro são importantes para promover a ludicidade. A cotação de histórias é importante em especial, para explorar a imaginação das crianças e, tal atividade está sempre aberta a agregação de outras atividades.

6. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa concluiu que as crianças gostam de imaginar todo tipo de assunto e ideias irreais, contudo os elementos usados para construir as imaginações são sempre elementos os quais as crianças tiveram contato sejam eles filmes, amigos, desenhos animados. Foi observado também que a imaginação está muito relacionada ao lugar onde imaginam e aos elementos que tal lugar/contexto proporciona à imaginação da criança. A criança imagina sempre em locais que a faz sentir desinibida e despreendida.

Conclui-se que as melhores estratégias docentes a serem adotadas quanto ao desenvolvimento da imaginação dos educandos jazem relacionadas à promoção de espaços destinados a imaginação e a valorização de falas expositivas de imaginações. Nesse hiato, o educador deve criar atividades que proporcionem tais relações. Todo o tipo de atividade lúdica é bem vinda. Por certo que quanto à contação de histórias, o professor deve sempre procurar instigar o aluno com fatos irreais expondo a realidade e a fantasia. As indagações devem ser livres de episódios lógicos e possíveis, devem conter vários dados e imagens que ofereçam elementos imaginativos e torne possível a criação de novas situações diferentes e ilimitadas, motivando assim o exercício da imaginação criativa. Tais momentos devem ser criados a fim de que a criança se desloque do mundo real e se insira de verdade em suas imaginações.

Do ponto de vista das crianças que participaram do estudo, a escola foi vista como o lugar menos propício a imaginação, pois é local moldado por muitas regras e afazeres que não abrem espaço para o exercício da imaginação. Por conseguinte, é importante a existência de espaços livres no dia a dia da sala de aula, momentos em que a criança não está sob nenhuma ou pouca atividade obrigatória a fim de que encontrem uma hora plausível para a imaginação. Contudo, basta também que os docentes criem formas de explorar atividades imaginativas agregadas ao ensino de conteúdos científicos.

Mesmo que o ambiente privilegiado à imaginação esteja relacionado a alguma atividade lúdica ou a atividades que agregam conteúdos científicos, é de suma importância que tais momentos venham longe de regras e repreensões da parte dos educadores. No caso de conteúdos científicos, o que molda as regras é a explicação das diferenças entre a realidade e a imaginação. O professor deve sempre valorizar a fala do

aluno, torná-la à tona e, se necessário imaginar junto com a criança. Nunca se deve abafar expressões ou torná-las constrangedoras para os estudantes. Em síntese, pelas falas das crianças se conclui que essas não se sentem a vontade para expressarem suas imaginações nem durante a contação de histórias e, segundo elas, nem mesmo em outros momentos da aula. Entretanto, foi identificado nas observações que as crianças expressavam sim suas imaginações durante a contação de histórias, mesmo a docente tentando silenciar tais expressões, as crianças espontaneamente falavam, pois não se continham, não estavam preocupadas em seguir os programas assertivos da aula. Então, se as crianças relataram que não se sentem a vontade para expressarem suas imaginações, provavelmente é porque nem tudo que imaginam falam para a docente e para os colegas, pois suas posturas em sala de aula são limitadas.

A presente monografia contribui para o entendimento da imaginação com ênfase na sala de aula. Ainda que a pesquisa tenha usado, em partes, o contexto de contação de histórias como pano de fundo para a análise dos dados, foi possível tirar conclusões que vão além desse feliz momento e atingindo as outras atividades do cotidiano de sala de aula. O trabalho contribui para o entendimento da imaginação tanto do ponto de vista da criança como do ponto de vista do trabalho docente, que foi um eixo que se mostrou importante diante da análise dos dados.

A pesquisa necessitou de bastante empenho para ser concretizada foram longos meses de muito trabalho. Todas as limitações que ocorreram ao durante da realização foram vencidas sem grandes dificuldades.

Os resultados apresentados são importantes para os órgãos responsáveis pela educação, para os docentes, para os gestores e todos envolvidos com o ato de educar. Isto é, na medida em que se torna visível a posição que a imaginação ocupa na escola a partir das perspectivas das crianças e, posturas docentes benéficas à exploração da imaginação, cabem que todos os responsáveis pela a educação avaliem como a educação imaginativa tem chegado aos estudantes e fazer as alterações cabíveis para que haja realmente um reconhecimento e valorização da imaginação na educação e, para não apenas isso, mas também para o respeito à criança e seus direitos.

Outros aspectos que poderiam ser ainda estudados para um maior amadurecimento das ideias levantadas aqui são: pesquisa objetivando conhecer as contribuições da imaginação para a aprendizagem escolar; pesquisa objetivando avaliar as concepções dos graduandos futuros docentes acerca da imaginação; pesquisa

avaliando a os conteúdos curriculares a fim de perceber como o estudo da imaginação e da criatividade estão sendo ensinados a futuros prováveis docentes; entre outras.

PARTE III
PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Posso dizer que fiz um curso excelente com aprendizados ímpares e cada um mais importante que a outro. A aprendizagem essa que perpassa o meio espiritual, moral, pessoal, social e acadêmico. Tudo que ocorreu durante o curso me preparou para a vida após o curso. Sinto-me apta a lutar por novas e melhores oportunidades de ensino e pronta para enfrentar a vida pós Universidade.

Meus planos para o futuro são projeções que me empenharei para fazer além do que projeto. Durante o curso nunca tinha tido o objetivo de realizar um mestrado ou doutorado, pois achava desnecessário. Todavia, nesta fase de finalização do meu curso, já com um amadurecimento muito maior, tenho planos bem claros quanto a isso.

Inicialmente tenho algumas opções em mente: fazer um mestrado e/ou uma especialização. O mestrado seria na área de Psicologia, campo o qual surgiu como um forte interesse durante minha graduação. Assim sendo, faria um mestrado dando continuidade ao trabalho final de curso que apresentei, ou seja, seria na linha de pesquisa sobre imaginação e criatividade, pois acredito ser um meio que ainda necessite ser cada vez mais explorado pelos estudiosos. Meu interesse pelo mestrado se dá por dois motivos o primeiro pela complementação de meus estudos e, o segundo para o melhor posicionamento no mercado de trabalho que tem necessitado de pessoas mais capazes.

Minha segunda opção sempre esteve presente em meus planos, porque continuamente pretendia após o término do curso, realizar uma especialização em Psicopedagogia. Tal curso aqui na Universidade de Brasília é ofertado pelo Instituto de Psicologia sendo chamado Psicopedagogia Clínica e Institucional destinado a Pedagogos, Psicólogos e Fonoaudiólogos. Meu interesse pela especialização se dá inicialmente pelo gosto da área de estudo. Agrada-me também por ser um curso que leva um período curto para a finalização e, que ainda me proporcionaria mais uma titulação e, conseqüentemente uma ocupação além da atuação como docente de uma turma apesar de ainda estar trabalhando com as crianças, as quais eu particularmente adoro.

Além das opções citadas, tenho o objetivo influenciado principalmente por familiares, de prestar concursos públicos e finalmente vir a trabalhar como Pedagoga explorando os aprendizados aprendidos na Universidade e assim contribuir no espaço

no qual eu fizer parte. Tenho a pretensão de prestar concursos públicos para graduandos em Pedagogia e, isso inclui também concursos para trabalhar como professor da Rede Pública de Ensino e outros concursos que não necessariamente estejam direcionados a instituições de ensino. Compreendo que a Educação não ocorre apenas no âmbito escolar, mas sim nas diversas esferas da sociedade. Meu objetivo é contribuir para o avanço da sociedade e creio poder atingi-lo tanto trabalhando dentro das escolas quanto em órgãos que se responsabilizam em promover a regulação e fiscalização da educação no Brasil.

Quero sempre ter o compromisso com a Educação área pela qual eu me apaixonei e creio no seu poder de transformação. Acredito profundamente na força potencial da Educação, são as crianças e os jovens o futuro do amanhã e, educar essas pessoas é evitar grandes desastres no futuro. Fico com o proveito de algumas frases de importantes pensadores:

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.”

Immanuel Kant

"A educação é o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para outros em algum tempo futuro"

B. F. Skinner

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto, aumenta um ponto.** 2009. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009. Acesso em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20096925001019001P7>>. Disponível em: 06 maio 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

BERTOLDO, Janice Vidal. **Ludicidade e imaginário..... suas diversas possibilidades de interlocução para repensar a formação de professores.** 2004. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Catarina, 2004. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200422842002010001P5>>. Acesso em: 12 mar. 2013

BRITO, Ana Célia. **A ludicidade como ferramenta na construção de conceitos na educação infantil.** 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2009. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20092525003011012P1>>. Acesso em: 06 maio 2013.

CECCATO, Clotilde Maria Ternes. et al. **Impactos da liderança sobre o potencial criativo das pessoas as instituições universitárias.** In: – V Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Santa Catarina: 2005. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br>>. Acesso em: 14 maio 2013.

COSTA, Caroline Machado. **Infância, criança e escola nas pesquisas educacionais sobre narração de histórias.** 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20094741001010015P7>>. Acesso em: 06 maio 2013.

CREPALDI, Roselene. Os profissionais da Educação Básica e o jogo. **Jogos, brinquedos e brincadeiras.** Cultura: IESDE Brasil S.A., 2012. p. 97-118.

_____. Jogo e educação. **Jogos, brinquedos e brincadeiras**. Cultura: IESDE Brasil S.A., 2012. p.59-76.

_____. O brincar e a criança de 0 a 12 anos. **Jogos, brinquedos e brincadeiras**. Cultura: IESDE Brasil S.A., 2012. p. 77-96.

COSTA, Marta Morais da. A contação de histórias. **Literatura Infantil**. 2. ed. – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. p. 79-92.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. [recurso eletrônico] São Paulo: Melhoramentos, 2012.

FONSECA, Adriana Beatriz da Silva. "**Era uma vez**"... : a prática docente revisitada pela contação de histórias. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20042832036019001P4>>. Acesso em: 6 maio 2013

GONSALES, Francisco Igliori. **Um estudo sobre a imaginação infantil**: subsídios da epistemologia genética de Jean Piaget para a estruturação de praticas voltadas à psicossocialização de crianças. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200314833002010040P1>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

KOEHLER, Andressa Dias. **Literatura e imaginação em espaços/tempos escolares**: o ensino e a aprendizagem de literatura em questão. 2008. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2008. Acesso em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20081330001013001P1>>. Disponível em: 6 maio 2013.

LEÃO, Cláudia de Carvalho. **Professores e crianças nas tramas da imaginação e criação de imagens**.2012. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20121331021018007P6>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

LEITE, Adriana Regina Isler Pereira. **O lugar da imaginação na prática pedagógica da Educação Infantil**. 2004. 99 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 2004. Disponível em:

<<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200444333007012001P8>>. Acesso em: 06 maio 2013.

MACEDO, Lino de.; PETTY, Ana Lúci Sícoli.; PASSOS, Norimar Christe. O lúdico nos processos de desenvolvimento e aprendizagem escolar. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2007.p. 9-22.

MARTINEZ, Albertina Mitjás. **A criatividade na escola: três direções de trabalho**. Revista Linhas críticas, Universidade de Brasília, v.15, 2003. p. 189-206.

MARTINEZ, Albertina Mitjás; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (Org.). Aprendizagem e trabalho pedagógico. **Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: uma relação necessária?**. 2.ed. São Paulo: Alínea, 2008. p. 69-94.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um: processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2011.

PEIXOTO, Clea Jatahy Peixoto; FERREIRA, Larissa Torres. **Criatividade e mercado de trabalho**. [Editorial]. CIENTÍFICA FTDR: Revista Científica da Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro, p. 44-8, nº 1, jul/dez 2011. ISSN 2236-8949. Disponível em: < <http://www.revistaftdr.com.br/index.php/rcdr/article/view/5>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

REIS, Adeline Ferreira dos. **A arte de imaginar e criar: considerações sobre a docência nos primeiros anos do Ensino Fundamental**. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20101033007012001P8>>. Acesso em: 6 Maio 2013.

SANTANA, Geisa Mara Laguna. **Oficinas do jogo: o desenvolvimento da imaginação na educação física da educação infantil**. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20083541002016004P8>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

SANTOS, Liliana Santos. **Sobre Ouvir Estrelas: a produção da subjetividade e da imaginação na Educação Infantil**. 2002. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Paraná. Paraná, 2002. Disponível em: <

<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20022240001016037P4>>.
Acesso em: 12 mar. 2002.

SERRES, Laura Nelly Mansur. **Contos de Fadas em sala de aula: o método criativo e a imaginação infantil**. 2004. 293 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <
<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200460642005019009P1>>.
Acesso em: 12 mar. 2013.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Imaginação, criança e escola: processos criativos na sala de aula**. 2006. 150 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2006. Disponível em: <
<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20062804633003017001P2>>.
Acesso em: 20 mar. 2013.

_____. **Imaginação, criança e escola**. São Paulo: Summus, 2012.

SILVA, Léa Stahlschmidt Pinto. **O brincar de faz-de-conta e a imaginação infantil: concepções e prática do professor**. 2003. 180 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. Disponível em: <
<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200334933002010038P7>
> Acesso em: 12 mar. 2013.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOARES, Leila da França. **Quem tem medo do lobo mau? Um estudo sobre a produção imaginária da criança e sua relação com a aprendizagem**. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <
<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20072528001010001P9>>.
Acesso em: 12 mar. 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentários de A. L. Smolka. São Paulo: Ática, 2009.